

BCCP/UFC 2023
ANO 4 NÚMERO 1

Biblioteca Em Cena



Biblioteca universitária
Biblioteca Central do Campus do Pici

ESCRITA ACADÊMICA



Expediente

Biblioteca Em Cena é uma publicação realizada pelo Projeto Arte na Biblioteca da Biblioteca Central do Campus do Pici Prof. Francisco José de Abreu Matos (BCCP) da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Ano: 4

Número: 1

Reitor da Universidade Federal do Ceará: José Cândido Lustosa Bittencourt de Albuquerque

Diretor da Biblioteca Universitária: Felipe Ferreira da Silva

Chefe da BCCP: Nonato Ribeiro

Coordenação do Projeto Arte na Biblioteca: Francisco Moura e Islânia Castro

Idealização e Concepção Artística: Rebeka Lúcio e Suzana Figs

Editores: Francisco Moura, Islânia Castro e Nonato Ribeiro

Projeto Gráfico e Diagramação: Francisco Jonas e Suzana Figs

Redação: Francisco Moura e Nonato Ribeiro

Colaboradores nesta edição: Andréa Freitas, Daniel Freitas, Diana Rocha, Ezequiel Bernardes [Zéq], Francisco Jonas Ferreira Silva, Francisco Moura, Gustavo da Penha de Paula, Helen Désireé, Islânia Castro, Leonardo Costa, Mateus Paiva, William Coelho, Nonato Ribeiro, Rebeca Sousa, Rebeka Lúcio e Suzana Figs.

Imagens: Acervo BCCP/UFC, Canva e acervo pessoal dos colaboradores e ilustradores (Gabrielly Correia DeAlém, Jules, Lince, Lua Santiago, Paulo Sena, Vic Nascimento e Wagner Nogueira)

Fortaleza, janeiro - junho de 2023

Biblioteca Central do Campus do Pici Prof. Francisco José de Abreu Matos (BCCP)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Campus do Pici, Bloco 308 (1º andar) – CEP 60440-970 – Fortaleza – Ceará
artenabiblioteca@ufc.br / Fone: (85) 3366-9515

Facebook: @bccpufc @artenabiblioteca

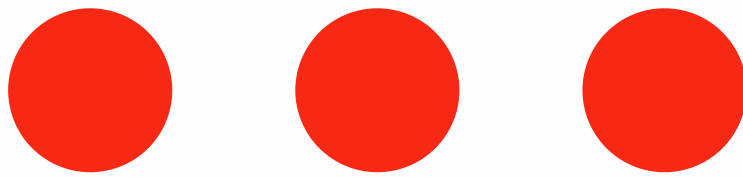
Instagram: @bccpufc

Youtube: bibliotecacentralcampusdopici

<https://tinyurl.com/spotifyartenabiblioteca>



Biblioteca Em Cena



Sumário



5 Editorial

7 Livros Livres

A Hora da Estrela
por Rebeca Sousa

10 Escrita Livre

Bate na boca, menino!
por Rebeca Lúcio

13 Lugar de Poesia

Argentina Castro e a poesia
como alimento diário.
por Ezequiel Bernardes [Zéq]*

16 Escrita Livre

Maya e a Janela 2: O que
será que ela vê nela?
por Leonardo Costa

18 Cineclube

As Five: Passo a Passo pra
Vida Adulta
por Helen Désireé

21 Cineclube

Vida de dorameira: furando
a bolha da cultura ocidental
por Suz Figs

25 Arte e diversidade

Pessoas trans na cena musical:
quem está nas nossas playlists?
por Ezequiel Bernardes [Zéq]*

29 CAPA

Escrita Acadêmica
por Nonato Ribeiro

33 Além dos Muros

De livro em livro se constrói uma
comunidade leitora: a Biblioteca da
Pastoral do Menor Granja Portugal
por Andréa Freitas, Diana Rocha e Islânia Castro

39 Biblioteca Explica

Educação de Usuários na BCCP
por Mateus Paiva

43 Fica Zen

A influência da arte na promoção
da saúde mental
por Gustavo da Penha de Paula

46 Escrita Livre

Biblioteconomia, Documentação e Ciência da
Informação: conceituação Histórica ao Hodierno
por Francisco Jonas

50 Ainações Acústicas

Na Hora do Almoço: Belchior
por Francisco Moura e Daniel Freitas

55 Ilustra

Gabrielly Correia DeAlém, Wagner
Nogueira, Jules, Vic Nascimento, Lua
Santiago, Paulo Sena e Lince.

76 Em Foco

Fortaleza pura
por William Coelho

Arte na Biblioteca 2023: Francisco Moura [@chicomouraf] Coordenador do Arte na Biblioteca, arte-educador e estudante de cinema. Islânia Castro [@islaniacastro20186853] Bibliotecária, agente pastoral, leitora. Participa de projetos de compartilhamento de livros e incentivo a leitura. Nonato Ribeiro [@nonatobiblio] Bibliotecário, leitor, nordestino e gay! Suzana Figs [@suzzfigss] Artista-pesquisadora em Artes e Multimídia e Técnica de Laboratório Multimídia da Casa Amarela Eusélio Oliveira (CAEO). **Bolsistas:** Daniel Freitas [@danielfreitas], Ezequiel Bernardes [Zéq] [@akazeq], Francisco Jonas Ferreira Silva [@j.onnas_], Helen Désireé [@baddshire] e Rebeca Ellem [@herbeca_].



EDITORIAL

É em agradecimento a todos os colaboradores que fazem e fizeram acontecer a Biblioteca em Cena que orgulhosamente lançamos a quarta edição da revista. Compreendemos a riqueza de assuntos e formatos de escrita, desde as mais acadêmicas, as generalistas, as poéticas, as informativas, as ensaísticas, as literárias, as imagéticas, dentre outras.

A revista é produzida e idealizada pelo projeto Arte na Biblioteca, vinculado à Secretaria de Cultura da UFC e pretende difundir de maneira livre e irrestrita, os estudos, pesquisas e produções que a equipe da Biblioteca Central do Campus do Pici e comunidade acadêmica vem desenvolvendo, seja cientificamente, artisticamente ou tecnicamente, aproximando o público atendido pela biblioteca, que vai além da comunidade acadêmica da UFC. Inclusive, destacamos que a publicação da revista atende ao atual Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UFC, em seu objetivo Objetivo Estratégico 4, que diz respeito a fortalecer a cultura, a memória e o patrimônio cultural da UFC.

Na seção "Livros Livres", a estudante de Letras e bolsista Rebeca Sousa analisa A Hora da Estrela de Clarice Lispector e como os fluxos de consciência de Macabéa e escrita única da escritora a cativaram durante a leitura.

Rebeka Lúcio, comunicadora, atriz e uma das idealizadoras da Biblioteca em Cena na seção Escrita Livre traz um ensaio sobre como o uso do palavrão e xingamento reforça os preconceitos e naturaliza estigmas perpetrados na comunicação cotidiana. Ainda na seção Escrita Livre, Leonardo Costa poeta e filósofo pela UFC apresenta sua experiência de paternidade no conto dramático Maya e a Janela 2: O que será que ela vê nela?.

Nosso bolsista e graduando em Biblioteconomia Francisco Jonas escreve artigo examinando a biblioteconomia, a documentação e a ciência da informação, desde seu conceito histórico até os tempos atuais.

No Lugar de Poesia, Argentina Castro, escritora de poemas, contos, crônicas, articuladora da Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias, nos presenteia com um conto presente em "Bomba D'água Coração" (Editora Mirada, 2022). Em seguida ela é entrevistada por Ezequiel Bernardes, ilustrador, graduando em Teatro, que conta sobre projetos e seu novo livro, primeiro infantil, "Poesia, O Pão Nosso de Cada Dia! ".



Na seção Cineclube, Suz Figs, artista-pesquisadora, graduada em Cinema pela UFC, dá uma panorama sobre o Dorama e nos aponta inúmeros aspectos desse formato audiovisual de dramas do leste e sudeste asiático e nossa bolsista de cinema Helen Désireé faz uma resenha sobre as incertezas da vida adulta apresentadas na série de televisão brasileira As Five.

Em Arte e Diversidade, Zéq, Ezequiel Bernardes, reporta a importância de pessoas trans na cena musical como referências para inspiração e compreensão da identidade de gênero na adolescência, apresentando também a riqueza e diversidade de artistas da cena.

Na seção Entre Muros, temos um artigo da educadora Andréa Freitas, da pedagoga Diana Rocha e da bibliotecária Islânia Castro que em artigo apresentam a Biblioteca da Pastoral do Menor Granja Portugal e as ações em prol da construção de uma comunidade leitora.

Na matéria de capa, Nonato Ribeiro, bibliotecário e doutor em Ciência da Informação escreve sobre escrita acadêmica ressaltando a importância da compreensão das regras e normas para uma comunicação acadêmica, expondo as modalidades de escrita e guias de normalização.

Na seção Biblioteca Explica, Mateus Paiva, bibliotecário, publica um artigo sobre a importância da Educação de Usuários na BCCP para melhor aproveitamento dos serviços da biblioteca pelos usuários.

Gustavo da Penha de Paula, graduando em Farmácia pela UNILAB escreve na sessão Fica Zen matéria sobre a influência da arte como ferramenta para promoção da saúde mental.

Na seção Afinações Acústicas, Francisco Moura e Daniel Sousa analisam o disco Alucinação de Belchior como lançamento do projeto de audição de música brasileira "Na Hora do Almoço" que passa a ocorrer mensalmente no hall da biblioteca e que pode ser encontrado nas plataformas de streaming da biblioteca.

Finalizamos novamente a revista com a sessão de artes visuais Ilustra com obras plurais de jovens artistas como: Jules, Vic Nascimento, Paulo Sena, Lua Santiago e Lince. Além da sessão Em Foco que traz um ensaio fotográfico de William Coelho sobre o cotidiano do Poço da Draga.

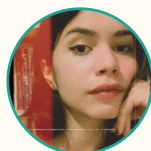
Desejamos uma ótima leitura a todos!



A HORA DA ESTRELA

"Sim, minha força está na solidão. Não tenho nem medo nem de chuvas tempestivas nem das grandes ventanias soltas, pois eu também sou o escuro da noite".

por Rebeca Sousa*



A hora da estrela foi meu primeiro contato com a autora **Clarice Lispector**, e a pergunta que eu me fazia era *"Por que não li esse livro antes?"*.

É um livro genial, profundo e com uma escrita única. É um dos livros mais lindos que já li, com fluxos de consciência, que chega a ser um pouco complexo, mas nada impossível, e, como a própria autora diz: *"Suponho que me entender não é uma questão de inteligência e sim de sentir, de entrar em contato. Ou toca ou não toca"*. Enfim, a história me tocou.

A história da nordestina **Macabéa** é contada passo a passo por seu autor, o escritor **Rodrigo S. M. (um dos alter-egos de Clarice Lispector)**, de um modo que os leitores acompanhem o seu processo de criação.

À medida que mostra esta alagoana, órfã de pai e mãe, criada por um tia, sua dificuldade de comunicar-se com os outros, ele [os leitores] conhece um pouco mais da sua própria identidade. A descrição do dia a dia de Macabéa na cidade do Rio de Janeiro como datilógrafa, o namoro com Olímpico de Jesus, seu relacionamento com o patrão e com a colega Glória e o encontro final com a cartomante estão sempre acompanhados por convites constantes ao leitor para ver com o autor de que matéria é feita a vida de um ser humano.



Clarice Lispector,
(Chaya Pinkhasivna Lispector),

Escritora e jornalista brasileira, nascida na Ucrânia. Autora de romances, contos, e ensaios, é considerada uma das escritoras brasileiras mais importantes do século XX.



***Rebeca Sousa** [@herbeca_] é graduanda em Letras Português e Literaturas pela Universidade Federal do Ceará (UFC), mãe de pet e frequentadora dos sebos do Benfica :)



No decorrer da narrativa, vamos percebendo que a protagonista não tem grandes ambições, ela só quer sobreviver. Sua única companhia durante as noites é o rádio de pilha de uma de suas colegas com quem divide um apartamento, Maria.

À noite, quando todas estão dormindo, Macabéa liga e ouve a Rádio Relógio, onde o tempo é marcado por cada tic-tac.

O que a protagonista mais gosta de ouvir são as notícias que envolvem a cultura, mesmo ela não sabendo o que a palavra cultura significa. Todo dia ela aprende algo com o locutor, aprende mais sobre o mundo e sonha em compartilhar o que sabe com alguém. Por mais que, quase sempre ouça palavras em que ela não sabe o seu significado, Macabéa se sente feliz.

“Todas as madrugadas ligava o rádio emprestado por uma colega de moradia, Maria da Penha, ligava bem baixinho para não acordar as outras, ligava invariavelmente para a Rádio Relógio, que dava “hora certa e cultura”, e nenhuma música, só pingava em som gotas que caem – cada gota de minuto que passava. E sobretudo esse canal de rádio aproveitava intervalos entre as tais gotas de minuto para dar anúncios comerciais – ela adorava anúncios. Era rádio perfeita pois também entre os pingos do tempo dava curtos ensinamentos dos quais talvez algum dia viesse a precisar saber. Foi assim que aprendeu que o Imperador Carlos Magno era na terra dele chamado Carolus. Verdade que nunca achara modo de aplicar essa informação. Mas nunca se sabe, quem espera sempre alcança. Ouvira também a informação de que o único animal que não cruza com filho era o cavalo.

— Isso, moço, é indecência, disse ela para a rádio.”

A vida parece mudar quando conhece Olímpico, que logo se torna seu namorado. Macabéa se sente realizada e, sobretudo, amada, porque a jovem experimenta esses sentimentos pela primeira vez. Contudo, sente medo de perdê-lo, principalmente nos momentos em que ambos ficam calados um ao lado do outro e nenhum assunto ou conversa surge.

O relacionamento dos dois termina quando Olímpico conhece Glória, loira, filha de açougueiro que vinha do Sul, o suficiente para chamar atenção de Olímpico, ao contrário de Macabéa, que para ele, aparentemente sem graça alguma.

“Mas ela já amava tanto que não sabia mais como se livrar dele, estava em desespero de amor.”

Macabéa é descrita pelo narrador-personagem como feia, magra e sem expressão. Às vezes, até como burra, já que muitas palavras e termos são desconhecidos para ela, com as pessoas ao seu redor sempre duvidando de seus questionamentos e incriminando-a de mentirosa e burra. Porém assim como um bebê que nasce e tem curiosidade com o mundo, Macabéa possui esse mesmo desejo, de aprender, de experimentar o amor e entender a cultura.

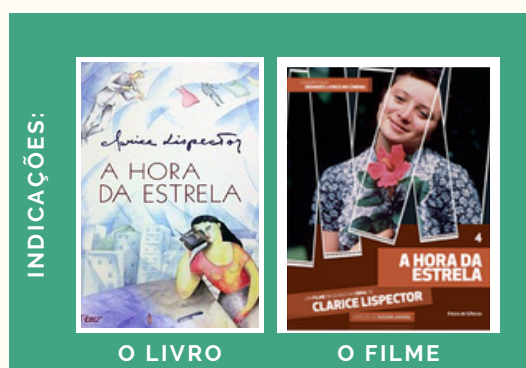
Após o fim de seu único e breve relacionamento com Olímpico, a protagonista consulta a cartomante Madama Carlota, (o encontro que marca uma reviravolta na história) mal intencionada, que "descobre a sorte" na vida de Macabéa, que sai feliz do estabelecimento e acabando, por fim sendo atropelada, e ali, naquele momento, acontece a sua "hora de estrela", em que todos ao seu redor passaram a olhar para ela, e a enxergar.

“Pois na hora da morte a pessoa se torna brilhante estrela de cinema, é o instante de glória de cada um e é quando como no canto coral se ouvem agudos sibilantes.”

Sua morte pode ser interpretada como uma libertação, tanto para o personagem quanto para o narrador, pois a morte traz consigo a possibilidade de renovação e de transcendência das limitações que, muitas vezes, são impostas pela vida.

Por fim, percebe-se que Macabéa é uma entre as muitas mulheres nordestinas que saíram do sertão para a cidade. Sozinha em uma grande capital, a personagem exibe uma inocência e ingenuidade que proporciona uma identificação ao leitor. Ela parece não ter consciência de seu próprio sofrimento e, por conta dessa alienação de si, acaba tendo um destino trágico.

O tema da migração e da miséria do nordeste percorre o romance em paralelo com o desenvolvimento psicológico do narrador e da personagem. Esse livro, com menos de 100 páginas de história, contém um enredo simples, contado com uma narrativa que transpira maestria, Clarice Lispector possui uma maneira única de contar suas histórias. Uma narrativa poética, um pouco subjetiva mas não ao extremo, apenas o suficiente para ser instigante e cativante.





Bate na boca, menino!*

por Rebeka Lúcio*



Você já parou para observar como palavrão, sociedade e estigma estão entrelaçados cotidianamente? Que uso temos do palavrão? No nosso dia a dia, é comum a naturalização das palavras e o uso social do xingamento. Mas você já parou para observar que palavras ou expressões costuma usar na hora da raiva?

Pare e Pense: Será que somos preconceituosos? Que estigmas e preconceitos estão impregnados em nosso discurso? O nosso discurso está povoado por outros discursos, somos, afinal, uma colcha de retalhos, uma costura de memórias e vivências.

Nesse sentido, é interessante notar que diz o senso comum que “educação vem de berço”, afinal, algumas pessoas nascem em “berço de ouro” e outras não. “De ouro” significa na frase e na vida que a pessoa nasceu bem de vida, em uma família abastada e, nesse sentido, teria melhores condições de vida e, provavelmente, seria melhor educada.

Contudo, se educação vem de berço, o preconceito, provavelmente, encontra-se imbuído nesse combo. Afinal, é em casa que aprendemos muitos valores, vamos nos formatando gente e ensaiando passos para dançar no mundo. É, como dizem, “filho de peixe, peixinho é” e “costume de casa vai à praça.”

Você já deve ter visto um ou outro pai ensinando o filho a falar palavrão porque acha bonitinho, mas um dia o menino cresce, a palavra que vive no mundo dos aumentativos já se incorporou ao vocabulário e fica mais difícil controlar o verbo só com um “bate na boca, menino!”

Nesse jogo cheio de disse me disse, muitas vezes, o aprendizado também se dá por reprodução. Já ouviu falar no “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço?” é o que mais acontece. O menino escuta, aprende, repete e é repreendido, mas o proibido sempre tem um sabor especial. Por isso, quando o palavrão é apresentado na rua por um amigo que aprendeu por aí e agora repete com tempero proibido, também é fácil reverberar.



*Rebeka Lúcio [@rebekalucio] Atriz-pesquisadora, apresentadora, comunicadora, produtora cultural, viajante, contadora de histórias. Mestre em Artes.

O fato é que é difícil definir ao certo quando aprendemos a falar palavrão e mesmo a origem dessas palavras proibidas são indefinidas, mas que elas existem e andam soltas por aí, isso sabemos. Mas quem são elas?

Muitas são as palavras bastardas que andam soltas por aí, divagando entre uma boca e outra, passando de gente grande para gente pequena, sendo perduradas por gerações. Como foi que elas surgiram, afinal?

Ao longo de uma cadeira de Antropologia Cultural em que fui discente na UFC, lemos e discutimos textos que nos permitiram pensar minorias e perceber coisas que passam despercebidas. As coisas estão tão coisadas nesse mundo, onde a gente aperta para perceber e descoisar?

O fato é que a construção histórica e social desse povo que hoje chamamos de brasileiro foi sedimentada em meio a enraizamentos repletos de estigmas, que ainda hoje reverberam e, às vezes, a gente nem percebe.

Lendo autores como Mello, Grosso e Uziel percebemos a relação e o estigma da escola com os filhos de lésbicas e gays; discutindo Guimarães percebemos as questões presentes entre classes, raças e democracias; Nogueira, por sua vez, nos propiciou um estudo das relações sociais nesse mundo que é muito mais do que bicolor; Birman trouxe à tona entendimentos sobre umbanda; Sodré nos fez pensar nagô; Heilborn provocou o estudo sobre sexualidade; Marques apontou o homoerotismo e suas relações com o silêncio; Bento incitou o olhar sobre a violência de gênero; e Neto historicizou a origem do samba mostrando como o mundo muda, mas também pode permanecer o mesmo.

Nesse mix de leituras e pensamentos, o quanto o mundo é provocador e ao mesmo tempo adormecido?

O samba, por exemplo, já foi coisa vergonhosa e hoje se insere nas rodas mais gourmetizadas. O funk já foi coisa de favela, mas cada vez mais tem se gourmetizado e buscado aspirações. Dizer “isso é coisa de preto” já foi intensamente pejorativo, mas o empoderamento do negro tem permitido repensar expressões e transformar palavras. O homossexual, nesse ínterim, já foi muito mais abjeto e escuso, mas cada vez mais tem se assumido e colorido o mundo.

A mulher, por sua vez, já teve muitas conquistas desde a queima dos sutiãs, mas nem por isso está a salvo da sociedade machista e patriarcal que ainda se acha no direito de decidir a legalização ou não de um aborto, por exemplo. O que custa entender o que significa “meu corpo, minhas regras”? Nessa sociedade de regras desregradas mesmo os mais politizados tendem a repetir expressões e xingamentos naturalizando o que não pode ser considerado “mimimi”.

Você já parou para pensar por que o que é ruim é chamado de negro? Ou você nem percebeu que já falou magia negra, passado negro, humor negro, lista negra, peste negra? Tudo isso denigra a imagem do negro. Opa, e o verbo “denegrir” também não indica coisa boa, hem? Mas, calma, que temos que esclarecer, clarear os fatos. Por que é clareando que as coisas ficam boas? Há quem prefira a noite ao dia.

Quando se fala de afrodescendência inúmeros são os casos de preconceito e, sim, a escravidão tem a ver com tudo isso. Por que é mesmo que uma raça é superior a outra? Por que uma cultura é pecaminosa e suas crenças devem ser abominadas? A dívida é histórica.

É preciso notar que a representatividade negra avançou, mas ainda há muito a fazer. O caminho é contínuo e é preciso sim que haja super-heróis negros, princesas negras e personagens globais que não estejam atrás dos aventais. O caminho é longo.

Xingar um negro de macaco é chamá-lo de primata e primitivo mesmo é alegar superioridade em pleno século XXI. Falando nisso, sabe por que se diz que os nobres têm sangue azul? Porque na Espanha do século 6, os ricos não tinham trabalho braçal, isto é, os poderosos não costumavam trabalhar no campo.

Vivendo à sombra, enquanto exploravam o trabalho alheio - e qualquer semelhança não é mera coincidência - os ricos costumavam ser tão alvos que veias azuladas lhes saltavam da pele, eis aí a origem da expressão.

E baixando o calão deste ensaio - porque, às vezes, é preciso rasgar o verbo - vamos observar o significado social de alguns palavrões? Afinal, foi isso que ensaiei escrever no início dessa reflexão, que já quase chega ao fim. Sendo essa reflexão para maiores de 18 anos, você pode até tapar os ouvidos, mas, por favor, não tape os olhos, de vez em sempre é melhor ativar os sentidos porque só assim uma mudança engatinha.

Por esse viés, chamar alguém de “gay”, “viado” ou, no cearês, de “baitola” é hábito por quê? Porque o homossexual sofre ainda muito preconceito e, sim, por alguns é até visto como doente, passível de cura. Nesse sentido, é comum o uso do universo homoafetivo como xingamento, por meio de expressões consideradas pejorativas, que denotariam passividade e inferioridade. Mas como na vida as pessoas seguem vivendo e aprendendo, já ouvi respostas que diziam: “Sou sim, inclusive adoro!”, quando atacadas. Afinal, que mal tem?

E qual seria a problematização, nesse contexto, dos xingamentos sexualizados, já que o sexo é algo naturalmente presente na rotina do brasileiro? A sociedade conservadora faz sexo, porém ainda trata o ato sexual como algo pecaminoso e sujo, que só seria permitido após o matrimônio. Pura hipocrisia social (e sexual). Muitas expressões estão ligadas ainda ao poder e à dominação, podendo estar relacionadas também ao estupro, ao sexo sem consentimento. Esse, sim, algo, se não pecaminoso (mas acredito que sim), criminoso. Por isso, não é nada sensato e muito menos politizado um político desejar que uma política, seja estuprada.

Mas quando se trata do gênero feminino, não faltam xingamentos. A liberdade sexual da mulher pode até ter sido conquistada na teoria, mas na prática ainda é muito contestada. Muitos são os relacionamentos abusivos e os índices de feminicídio.

Em palavras sinônimas, também é comum ouvir referência à “meretriz que deu a luz”. A meretriz pariu mais um excluído social? Expressões costumeiras carregadas de sentidos que refletem um filho bastardo, o filho da mulher julgada como “rodada”. De “meretriz”, aliás, muitas mulheres solteiras ou divorciadas já foram xingadas. E mulher sem marido só pode ser o quê? Livre para fazer suas escolhas.

É preciso notar, por fim, que os xingamentos fálicos, que exaltam o sexo masculino não são incomuns no vocabulário brasileiro e, inclusive, são usados muitas vezes com uma entonação positiva, para comemorar algo, até! Já quando se trata do feminino... Nas vezes que ouvi, sempre tinham um tom negativo. Coincidência? Talvez, seja preciso repensar palavras e em vez de dizer aquele sinônimo pouco erudito de “meretriz que deu a luz” largar um “pai que fugiu” da próxima vez.

*Este ensaio observa o uso social do palavrão e do xingamento, refletindo sobre a naturalização do estigma e o reforço do preconceito na comunicação cotidiana. Concebido na disciplina de Antropologia Cultural, ministrada no Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará pelo Prof. Dr. Marcelo Natividade, a disciplina reuniu alunos dos cursos de Design, Design-Moda, História e Publicidade e Propaganda, debatendo aspectos antropológicos calcados na sociedade brasileira. Instigado pelas leituras e discussões propostas nessa formação, este trabalho percebe algumas palavras e expressões vocabulares que denotam preconceito social e humano.

Argentina Castro e a poesia como alimento diário

por Ezequiel Bernardes [Zéq]*



Visitas

Acordei e fui levada até a cozinha pelo cheiro do café da minha mãe. Beijei-lhe a cabeça e pedi benção, como de costume. Ela não respondeu e eu não insisti. Na sala, a TV com as velhas notícias de violências, desigualdades e injustiças. Minha mãe balbuciava:

- Tanta morte, parece que nada melhorou, o mundo continua o mesmo.

Depois da pandemia ela vivia numa tristeza de dar dó.

Fui até ela, abracei e disse:

- O que aconteceu?

Seu silêncio foi quebrado por vozes que lhe chamavam no portão.

- Já vai! - gritei.

Ela na frente e eu atrás, resmungando, fomos até lá fora. Eu não acreditava que àquela hora da manhã estivéssemos recebendo visitas. Ela abriu o portão e lá estavam alguns familiares vestindo camisas com minha foto estampada e uma frase que dizia: missa de um ano. Saudades eternas.

O texto que você acabou de ler faz parte do livro de contos “Bomba D’água Coração” (Editora Mirada, 2022) de Argentina Castro, escritora fortalezense, mestre em antropologia e idealizadora da Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias. A autora de poemas, contos e crônicas publicou, esse ano, seu segundo livro: “Poesia, O Pão Nosso de Cada Dia!” (Editora Mirada, 2023) voltado ao público infantil e faz um chamado:

**“Para cada coisa que, na vida, você passar
Faça uma poesia, dessas de rimar!”**



* Ezequiel Bernardes, também chamado de Zéq, [@akazeq], é ilustrador, articulador voluntário na Biblioteca Comunitária Papoco de ideias, graduando em Teatro pela UFC e apaixonado por música pop.

Conversei com a artista sobre o novo projeto, que tive a honra de ilustrar, e sobre suas perspectivas de infância, poesia e leitura. Confira a seguir a entrevista:

Você é uma das articuladoras e gestoras da Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias, na qual são promovidas diversas ações de arte e cultura para crianças do grande Pici e especialmente, da Comunidade do Papoco. Apesar de certa familiaridade com o público infantil, é a sua primeira publicação voltada a ele. A escrita de um livro infantil foi um desafio? Como surgiu "Poesia, O Pão Nosso de Cada Dia!"?



Argentina Castro
(@argentinna.castro)
Mestre em
Antropologia,
Escritora de poemas,
contos, crônicas.
Articuladora e
Mediadora da Papoco
de Ideias e Gestora
Cultural.

Nunca pensei em escrever um livro infantil até que o texto base para o livro fosse visto por Vinicius Ferraz, escritor de literatura infantil. O texto era uma prosa poética e ele disse: “por que não faz desse texto um livro infantil?” Ao que eu respondi: “sério?” Enfim, foi assim dialogando com um escritor experiente, colocando ele em contato com meu texto em uma aula onde ele era professor e eu uma escritora convidada através de um de seus alunos, Caio Lucas.

Então, eu sou uma sujeita de sorte, recebo bons convites e nesses convites sou surpreendida pela visão de quem me lê, ou me escuta. O resto foi mexer no texto, tornar ele mais simples, mas nem por isso complexo, afinal as crianças são simples só na superfície. Por dentro, assim como os adultos, são um universo, muitas nuances, peculiaridades, subjetividades. Não são seres sem percepções da realidade como muitos adultos acham. Pelo contrário, são seres sensíveis do mundo ao seu redor com toda capacidade de sentir o ônus e o bônus da vida. O livro é um chamado à leveza no dia a dia, no cotidiano. É um convite e uma tentativa simples de explicação de que o instante poético está no ar, a gente precisa tá atento às coisas, as pessoas, as situações, a natureza que, apesar de tudo, ainda nos cerca, as cores, as formas de fazer e de ser das pessoas e da vida.

Então o livro tem essa perspectiva de pensar a poesia como alimento (o pão) para nossa alma. Um alimento que assim como o pão feito de trigo faz parte do café da manhã de muitas famílias, principalmente das famílias mais empobrecidas, mas não só. E não posso deixar de dizer que nem o pão, muitas e muitas famílias e pessoas sequer têm acesso tamanha a miséria que assola esse país. Então escrever esse livro foi uma coisa simples, mas também complexa e portanto, desafiante.

O livro faz um convite para que os leitores, crianças, jovens e adolescentes, façam a própria poesia, inclusive há um espaço que permite a interação e a escrita dentro dele. O seu interesse pela literatura surgiu através de um “convite” na infância também? Como a poesia chegou inicialmente para você?



Já me fiz essa pergunta e descobri no emaranhado de possibilidades de resposta que não foi um livro que me fez o convite para a poesia, não tinha acesso a esse tipo de livro na infância, o acesso era restrito apenas aos livros escolares. Mas o convite veio de um instante poético. Lembro como se fosse hoje que um dia vi o dia amanhecer com meu pai. Ele acordava cedo e teve um dia que eu também. Ficamos sentados em uma cadeira de balanço (eu acho) na frente da casa vendo o dia amanhecer.

A cor do céu, os passarinhos cantando, o vento frio, o afeto e proteção do meu pai até hoje vivem em mim como a primeira poesia da minha vida. Tudo ali era bonito, forte e me levava a um lugar emocional raro e pouco comum para a minha realidade da época. Talvez com um suporte e ferramentas necessárias eu teria escrito um poema ali. Por que eu estava emocionalmente envolvida com o todo.

Aquele momento me deixou levitar, sair de mim, entrar numa realidade sensorial, sensível, espiritual e humana muito, muito especial. Mas tudo isso é com os olhos de hoje que vejo. A época daquele momento eu só sabia que era um momento belo e feliz e é assim que me sinto quando leio poesia.

Na juventude conheci Florbela Espanca e aqueles poemas de alguma forma dialogavam comigo. Depois fui conhecendo outros formatos, outros e outras poetas. Vendo poesia em fotografias, em arte colagem, em sorrisos, em lágrimas também, em muita coisa ao meu redor. Acho que a poesia é fruto de uma atenção especial que você dá às coisas, é fruto de um pensamento crítico e sensível, é fruto de sentimentos diante da vida e de suas nuances. A poesia chegou pra mim a partir da observação da realidade, na relação com o outro, na abertura para a força da natureza. A poesia nasce dos sentidos e do sentir. Já fiz poesia dentro de um ônibus que passava na frente de uma padaria e de lá saía um cheiro ma-ra-vi-lho-so de bolo recém saído do forno. Tem coisa mais cheirosa? Tem, eu sei que tem, mas aquele cheiro dentro de um ônibus cedinho da manhã me despertou do sono e da preguiça de viver. Me deu energia, me deixou bem tão bem que o pensamento foi me enviando palavras, frases, texto, poema.

Fiz um poema para o bolo. E é isso, a poesia é para o bolo, para o voto, para o ódio, para amor, para fome, para o tesão, para o cachorro, para o céu, para desigualdade social... Enfim, a poesia é para a gente falar de tudo de uma forma menos seca e não comum. É isso, talvez seja isso, ou não. Quem é que sabe?

O livro também foi disponibilizado em audiobook e vídeo, possibilitando novos meios de acessibilidade e leitura, de forma digital. O que você pensa sobre a tecnologia e as novas maneiras de produção e disseminação da literatura?



Usar a tecnologia a nosso favor, de forma positiva e, no caso da literatura, de forma inclusiva é uma grande alegria. Estamos falando de direitos, principalmente. Toda criança tem direito ao livro, à leitura, à literatura. Desejar e possibilitar que crianças com problemas de visão, por exemplo, possam acessar um livro, ouvir poesia, pensar sobre a poesia, criar imagens mentais sobre a poesia é um caminho rumo à garantia mínima que seja desse direito. Acho que os meios virtuais, a forma virtual de existência também estão aí para que a gente possa criar, produzir, incluir culturalmente, fazer circular belezas. No entanto, é preciso refletir que para isso acontecer é necessário garantir que as pessoas tenham o direito digital garantido. Então esse livro infantil é um livro que provoca, que convoca, que informa que há crianças com visão reduzida ou totalmente sem visão que precisam acessar livros, aprender e, para isso, o direito digital é uma necessidade que não só fortalece a autonomia dessas crianças, mas também garante aprendizagens, o lúdico, o inventivo, o fantasioso através da subjetividade acionada através de um áudio que narra uma história, de um áudio que recita uma poesia. Então nessa sociedade altamente tecnológica que estamos vivendo, não faz sentido a fome, não faz sentido que uma criança não tenha livros em casa, um computador com internet. Não faz sentido e é criminoso tudo que citei. Uma criança que não enxerga também tem que ter o seu direito cultural garantido e isso passa pelo direito digital também.

A sua infância ou até mesmo a vivência com as crianças assistidas pela "Papoco de Ideias" influenciaram a escrita do "Poesia, O Pão Nosso de Cada Dia!"?



Entre a minha infância e a infância das crianças da Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias há muitas semelhanças. Quando idealizei e criei a "Papoco" foi pautada num sentimento muito forte de injustiça, raiva e revolta. Não era justo que a criança que fui, no final dos anos 70 e início dos 80, e as crianças de 2016 (ano que nasceu a Papoco) tivessem a mesma vivência da ausência de tantos direitos. E foi acessando minimamente meus direitos culturais na juventude que pude perceber que eu poderia e tinha o direito de me desenvolver melhor na vida, principalmente intelectualmente e sensivelmente, falando. Todas essas lacunas na vida de uma criança geram muita insegurança, medos, tristezas e mais à frente durante a adolescência/juventude começam a surgir as questões mais existenciais. Os porquês se complexificam e as dores também. E foi na escrita que fui expressando tudo o que sinto e penso, mas isso já na fase adulta. Ou seja, eu arrasto a menina que fui, dentro de mim. E é assim com todo mundo. Mas nem todo mundo talvez reflita sobre o que faltou à sua criança e é necessário atendê-la mesmo quando ela cresce e fica adulta. Nas mesmas águas que se banham as crianças da Papoco, a minha criança se banha. Isso me deixa feliz em dose dupla. Então, isso para mim é um fazer poético. Tornar, junto com minha família, amigos e apoiadores, a vida de crianças empobrecidas menos cinza, dura e feia, em uma vida mais lúdica, criativa, brincante, musical, teatral, dançante, literária, cinematográfica, fotográfica, circense é fazer poesia pro mundo. E eu não faço essa poesia sozinha. Sou totalmente influenciada pela minha criança e pelas crianças ao meu redor... o pão deve ser nosso e a poesia também e, juntos ou separados, precisam existir todos os dias.

Por último, quais sentimentos você gostaria de despertar nos leitores?



Sentimento de admiração e curiosidade pela poesia da vida. Sentimento de leveza, de olhar para o universo ao redor com mais atenção, sensibilidade e encanto. Sentimento de esperança, de que nem tudo está perdido na rigidez do dia a dia, mas há uma fagulha e essa fagulha, essa centelha precisa estar acesa através de nossos sentidos e, dentro de nós, seja criança, seja adulto.



O livro 'Poesia, O Pão Nosso De Cada Dia!' é fruto de um projeto aprovado pelo Edital Das Artes da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará e o lançamento está previsto para o mês de junho, na Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias. Sinta-se também convidado a fazer sua poesia de rimar e entre em contato com a autora através das redes sociais para mais informações.

MAYA E A JANELA 2:

O que será que ela vê nela?

Por Leonardo Costa*



Início do terceiro trimestre.

Triste notícia que quebrou e me desabou por dentro e por fora.

Malu não tinha mais batimentos cardíacos. Mesmo com a confirmação de uma segunda opinião era isso mesmo que vinha a acontecer. Eu, recém feito pai, esperançoso por receber as duas vidas em minhas mãos, já perdia uma por entre meus dedos.

E a recordação de um sonho em que a pegava nos braços e ela, mesmo falando comigo, estava envolta em um lago escuro.

Talvez já tenha a comunicação da mesma de que não seria agora esse encontro. Isso tudo a 5 dias do meu aniversário... Que presente a vida estava me dando.

Muitas lágrimas rolaram e gritos contidos dentro de um peito que se achava tão forte, mas que descobriu que tinha pernas bambas demais e pediu arrego, socorro, ajuda... Foi o dia que seria o chá das duas. Num dia de comemorações tudo veio abaixo.

E todo dia eu recordo das lágrimas e da dor de ser já pai órfão de filha antes mesmo de saber dela no colo.



LC.
2020
21-DEZ



*Leonardo Costa [@leonardo.costa_arte] Ator-bonequeiro. Graduado em filosofia pela UFC. Poeta desde a tenra idade. Artista multifacetado de produções culturais que acabou juntando muita arte com a Nayara pra produzir a Maya e dar outra cor pra esse mundo. Um milagre a cada dia... e, todo dia uma novidade.

Em minha crença religiosa recebo a notícia de que havia uma questão de saúde que, se viessem ambas seria muito perigoso, daí Malu decidiu abrir mão para que Maya viesse bem. E Maya, que dominava $\frac{3}{4}$ da placenta e já apresentava um certo descontrole de umas questões, equilibrou seus números e se manteve saudável e vívida pra vir.

A explicação biológica foi que feminicídio a questão chamada de Transfusão feto-fetal afetou Malu, que detinha apenas $\frac{1}{4}$ da placenta e, por isso, tinha um certo limite de nutrientes para se desenvolver. Nesse caso foi uma questão aguda de um dia pro outro. Silenciosamente o coração dela parou.

Por vários exames de ultrassom da rotina que se seguia a mesma eu não queria filmar mais... Não conseguia filmar mais... pois sabia que iria dar de olhos com o corpinho ainda preservado ali dentro, sem vida.

Ainda tenho muitas questões não resolvidas sobre isso que me afetam muito, mas ao menos tenho o atual conforto da serelepe que deu certo de vir e veio muito bem: Maya veio no dia 21 de fevereiro de 2022. Eu queria que fosse no dia 22 por ser palíndromo, mas meu desejo foi barrado de cara por conta da saúde de Maya ser preservada. Tentamos que fosse de manhã, mas só no fim da tarde que deu certo de sair. E eu estava lá, junto. Empolgado e temeroso. Mas firme como um bambu em tempestade de vento.

Ela abriu os olhinhos pra mim e eu abri meu coração que já não aguentava de tanto esperar.

Infelizmente tive de lidar com a questão do corpinho de Malu, assunto que eu já tinha me colocado mais resistente pra tocar, mas não tanto para visitar como tive de visitar.

O hospital, que já não tinha a sabedoria de buscar a ficha da minha esposa, me veio dar apenas a notícia do falecimento da Malu. A moça do setor de assistência social nem sabia da existência da Maya. Daí tive de reviver toda a dor de não poder ter ela nos meus braços. Isso por conta de que já não tinha mais nada reconhecível do corpo dela. O organismo já tinha absorvido muita coisa e como elas estavam em placentas separadas a gestação seguiu em ordem até o fim e Maya me chegou aos braços depois daquele dia tão turbulento entre alegrias e dores.

E daqui pra frente será outro universo que irei vivenciar junto desse ser que tanto me sacudiu e que tanto vai sacudir o meu eixo de vida.



LC.
2020
21-DEZ

AS FIVE:

passo a passo pra vida adulta

por Helen Désireé*



Em *As Five*, série original Globoplay, cinco amigas se reencontram após seis anos afastadas quando estão entrando na vida adulta. Todas são encurraladas em conflitos de naturezas distintas, embora comuns a uma geração descrente com a economia, a política e a vida afetiva.

O grupo se conheceu e teve o início da sua história desenvolvida em *Malhação: Viva a Diferença*, sendo *As Five* a continuação direta da série juvenil. Concebida por Kao Hamburger e dirigida por Paulo Silvestrini, *Viva a Diferença* venceu o Emmy Kids Internacional em 2018, na cerimônia realizada em Cannes, na França.



FOTO: DIVULGAÇÃO



* Helen Désireé (não binária, ele/ela) é graduando em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal do Ceará (UFC), social media e produtor audiovisual.



Da esquerda para direita: Lica, Benê (acima), Tina (abaixo), Ellen e Keyla
Foto promocional de *Malhação: Viva a Diferença*.

Na continuação, acompanhamos a vida turbulenta de jovens adultas que acompanhamos crescendo e nutrindo seus sonhos agora, a maioria deles, esquecidos em memórias dolorosas de caminhos que não puderam ser seguidos. À exemplo, Keyla tinha o sonho artístico de seguir carreira musical, e jamais pôde investir em trilhar esse caminho por priorizar especialmente a criação de seu filho, Tônico, como mãe solo na adolescência.

Inseguranças como a de sonhos não realizados são deixadas às claras em cenas que abordam também a falta de comunicação entre pessoas que costumavam compartilhar seus sentimentos entre si. Apesar de terem se conhecido uma vez, a vida lhes fez tornar pessoas diferentes, com visões diferentes, o que por conseguinte causa o estranhamento de que suas conversas nunca levam em consideração quem estas realmente são agora, e como se encontram no mundo atual.

Dito isto, é importante destacar que sempre foi feito um recorte racial e social entre as cinco mulheres, explorando bem as diferenças que marcam suas vidas, como é a proposta da temporada de *Malhação*. Isto também é continuado no desenvolvimento adulto de Benedita, apelidada como Benê, uma personagem autista que descobre novas facetas da sua sexualidade em uma jornada de autoconhecimento em *As Five*.

Para Lica, que durante a adolescência encarou o privilégio branco que vivencia também através de ter sido sustentada por uma família classe média alta, ao longo dos episódios foi confrontada em seus posicionamentos uma vez elitistas e tornou-se uma das personagens mais politizadas da série, além de que essencialmente era uma personagem diversificada por representar uma garota sáfica em um relacionamento homoafetivo, os traumas relacionados a sua aceitação pessoal e a sua criação por uma família desestruturada. Muito do que foi abordado e desenvolvido sobre essas questões foi engavetado em *As Five* e resumido à uma confusão mental atrelada à personagem, que atualmente se via em um estado de vida acomodado e inconsequente.

Isto é, tanto em ficção quanto em realidade, é necessário analisar uma experiência de vida pessoal como um todo e todos os acontecimentos que a afetam atualmente ou afetaram no passado para que possamos conhecer a fundo a maneira de ser diferente de uma pessoa. A sua trajetória é diariamente atravessada por atitudes além do seu controle, que modificam a sua perspectiva de mundo e implicam em suas atitudes futuras, baseando-se no que as anteriores resultaram subjetivamente.

Sendo assim, as incertezas da vida adulta apresentadas em *As Five* foram iniciadas em *Malhação: Viva a Diferença* tal como inseguranças são construídas ao longo do tempo por estarem ligadas a uma perspectiva de mundo isolada, dentro de um recorte social e racial de como isto é influenciado pela realidade em que se vive. As cinco mulheres deixam suas expectativas para a vida adulta frustradas com novas responsabilidades, mas também buscar manterem-se ligadas a sua essência e tudo aquilo que lhes formaram enquanto indivíduo, o que significa que a vaga lembrança de um passado em que estiveram reunidas com felicidade pode servir de gatilho mental para um universo repleto de ideias, sonhos e esperanças interrompidos.

É interessante perceber que na série também é levantada a questão de como seus círculos familiares respondem às suas identidades, seja na forma intolerante de uma família conservadora tradicional como a de Tina, ou na forma acolhedora de uma família protagonizada pelo matriarcado, como a de Ellen. A complexidade da aceitação que essas personagens buscam em seus lares se deve também às suas particularidades, e da maneira como se enxergam no mundo.

Por fim, a relação das cinco amigas representa a pluralidade brasileira de jovens adultas resgatando suas motivações da juventude ou, se necessário, ressignificando essas motivações para que sejam felizes, com uma sensibilidade memorável para tratar de temas delicados envolvendo questões relevantes como saúde mental, gravidez na adolescência, vivência LGBTQIA+ e luto.



PARA SABER MAIS:

Série: *As Five*, (Brasil, 2020)
 Direção: Dainara Toffoli
 Rafael Miranda
 Natalia Warth
 José Eduardo Belmonte

Roteiro: Vitor Brandt
 Jasmim Tenucci
 Luna Grimberg
 Francine Barbosa
 Ludmila Naves

Elenco: Ana Hikari
 Gabriela Medvedovski
 Daphne Bozaski
 Manoela Aliperti
 Heslaine Vieira

Onde assistir: **Globoplay**
 Gênero: Drama



FOTO: DIVULGAÇÃO

VIDA DE DORAMEIRA:

Furando a bolha da cultura ocidental

por Suz Figs*



ESCLARECENDO: NEM TUDO É DORAMA

“Dorama” é um termo que surgiu a partir da pronúncia de “drama” na língua japonesa, e foi como se popularizou pelo mundo o formato de Dramas de TV do leste e sudeste asiático.

Importante enfatizar aqui que, mesmo sendo um termo bem popular, é uma classificação generalista que não é mais considerada adequada por alguns pesquisadores de cultura pop, pois quando se considera o passado imperialista do Japão, utilizar esse termo acaba trazendo questões históricas dolorosas recentes que afetam profundamente os países que foram invadidos pelo Japão.

Assim, para identificar a origem de cada “dorama”, as respectivas iniciais referentes ao país asiático a qual ele pertence é colocada na frente da palavra drama, exemplo: KDrama (Korean Drama/ drama coreano), JDrama (Drama Japonês), CDrama (Drama Chinês), Lakorn ou ThaiDrama (Dramas Tailandeses), TWDrama (Dramas Taiwaneses) etc.

A partir dessa ressalva, será utilizado o termo produções asiáticas de dramas de TV (com o recorte do leste e sudeste asiático) para um melhor entendimento do texto.

FOTO: DIVULGAÇÃO



* Suzana Figs [@suzfigss] Artista-pesquisadora, graduada em Cinema e Audiovisual pela UFC. Atualmente é Técnica de Laboratório Multimídia da Casa Amarela Eusélio Oliveira (CAEO).

UM POUCO DE CONTEXTO

Há algumas décadas as produções asiáticas provocam impacto na cultura ocidental (tudo começou com os animes e tokusatus japoneses), mas recentemente assistir a um “dorama” se tornou um fenômeno cultural global, desencadeado, bem antes da Netflix existir, por fansubs de animes e tokusatus que já legendavam o formato, porém com o aumento da demanda das produções asiáticas para serviço de streaming, eles passaram a ganhar cada vez mais destaque.

As produções asiáticas de dramas de TV (conhecido popularmente como doramas) contempla todos os gêneros e subgêneros ou na maioria das vezes um mix de gêneros narrativos (seja romance, comédia, ficção científica, terror etc.) e abordam temáticas universais tais como: o cotidiano (o mundo escolar ou do trabalho, a vida urbana ou no interior, o crescimento pessoal, a comida como metáfora para demonstração de afeto), os temas românticos (héteros e homoafetivos), os temas familiares (famílias disfuncionais, impiedosas e perversas), o senso de pertencimento no grupo social e os abusos de todos os tipos, as questões de honra, ancestralidade, contextos históricos nacionais (patriotismo), expondo assim, algumas das características e tabus culturais da identidade de cada país de origem de cada dorama.

Esse formato cativa o seu público fiel com suas histórias envolventes, seus personagens complexos e verossímeis, com suas camadas construídas de forma multidimensional e dinâmica, onde as dimensões sociais, físicas e psicológicas dos personagens acabam atravessando o público, e gerando uma grande conexão emocional, independentemente das diferenças culturais, provocam um alto poder de identificação por parte de quem os assiste.

Porém, até que essa grande conexão emocional seja construída, para assistir a uma produção asiática é necessário ter um mínimo de abertura para o novo, principalmente por parte dos espectadores que não têm o hábito de assistir produções estrangeiras legendadas, esses são os que mais precisam ter uma mente aberta porque essas produções têm, obviamente, idiomas que na maioria das vezes soam estranhos aos ouvidos ocidentais (já que nem todas as produções disponíveis têm a opção dublada) e segundo porque eles têm um ritmo de narrativa interna diferente das ocidentais.

As produção asiática de drama de TV tem diálogos sutis e muito silêncio, os gestos mínimos dos personagens revelam a expressão mais pura da poesia da intimidade implícita na relação que vai sendo construída entre os personagens de cada narrativa e cada gatilho emocional do espectador, evocando a profundidade, a delicadeza e a ternura das emoções e dos sentimentos mais entranhados no público, sejam emoções e sentimentos bonitos ou espinhosos. Dramas asiáticos apertam onde dói.



Mesmo partindo de clichês universais ou clichês bizarros, as produções asiáticas têm, em geral, uma única temporada escrita por um(a) único(a) roteirista e dirigido(a) por um(a) único(a) diretor(a) - bem diferente das séries ocidentais, que podem ter vários roteiristas e diretores em uma única temporada - essa produção compacta asiática, permite ao roteirista, construir uma trama coesa, profunda e cativante independente do gênero narrativo e da temática escolhida, com um arco narrativo completo apresentado em um período de 3 meses, composto de 12 até 24 episódios (sendo 16 episódios um padrão bem comum, e com algumas exceções que podem chegar ou ultrapassar 50 episódios) com 1h20' de duração para cada episódio, sem muitos ganchos para uma sequência.

Além da popularização do formato, o Japão também influenciou o padrão de produção, que se baseia nas estações do ano para dividir as temporadas, e a quantidade de episódios que serão transmitidos por semana. A produção é dividida da seguinte maneira: Dramas de TV de Inverno (de janeiro a março), Dramas de TV de Primavera (de abril a junho), Dramas de TV de Verão (de julho a setembro) e Dramas de TV de Outono (de outubro a dezembro). Esse formato sazonal de produção dos Dramas de TVs asiáticos conseqüentemente também influencia e é influenciada pela moda de cada período que a produção será exibida, sendo uma produção construída a partir das características da estação do ano.

Dramas de TV de Verão (de julho a setembro) costumam ter um tom mais leve, uma sensação mais relaxada, casual e romântica, com temas de amor, amizade e crescimento pessoal. Os cenários são pitorescos ou com atividades ao ar livre, aproveitando o clima mais quente e os dias mais longos e são direcionados a espectadores mais jovens, que podem ter mais tempo livre durante os meses de verão. Podem ser mais curtos do que outros dramas ou podem ter uma estrutura mais episódica, permitindo que os espectadores assistam a episódios individuais sem ter que seguir um enredo complexo. Ex.: "Hometown Cha Cha Cha" (2021), um K-drama de Verão do gênero comédia romântica e cotidiano sobre a vida de uma dentista da cidade grande que abre um consultório em um vilarejo litorâneo e conhece um faz-tudo que é o extremo oposto dela e "Hotel del Luna" (2019), um K-drama de Verão do gênero fantasia/ sobrenatural ambientado em um hotel para fantasmas.

Dramas de TV de Outono (de outubro a dezembro) costumam ter um tom mais sério e dramático, com temas de família, lealdade e sacrifício. Também podem ser ambientados em ambientes urbanos, aproveitando a mudança de cores das folhas e as temperaturas mais amenas. Coincidem com o início do ano letivo e são direcionados a um público um pouco mais velho, que pode estar voltando para a escola ou começando um novo emprego, e se concentra em temas de crescimento pessoal e autodescoberta. Apresentam elencos fortes, com vários atores e atrizes desempenhando papéis importantes e podem explorar relações familiares complexas ou dinâmicas de trabalho com personagens de diferentes gerações ou classes sociais. Ex.: "Crash Landing on You" (2019) é um K-drama de Outono do gênero romance sobre uma herdeira sul-coreana que cai na Coreia do Norte e "Itaewon Class" (2020) é um K-drama de Outono do gênero drama sobre um jovem homem que abre um restaurante em um bairro badalado de Seul.

Dramas de TV de Primavera (de abril a junho) costumam ter um tom mais alegre e romântico, com temas de novos começos, esperança e amor. Eles também podem ser colocados em cenários, com as flores desabrochando e as temperaturas mais quentes, pois geralmente coincidem com o início de uma nova temporada e uma sensação de renovação. São produções direcionadas a um público mais jovem, que pode estar terminando o ano letivo ou começando um novo emprego, e se concentra em temas de crescimento pessoal e auto descoberta e geralmente apresentam protagonistas femininas fortes, explorando a vida e os relacionamentos de mulheres jovens e podem apresentar temas de empoderamento e independência feminina. Ex.: "One Spring Night" (2019), um K-drama de Primavera do gênero romance sobre um relacionamento entre uma bibliotecária que por um acaso conhece e se apaixona por um farmacêutico pai solteiro.

Dramas de TV de Inverno (de janeiro a março) costumam ter um tom mais sério e dramático, com temas de amor, família e sacrifício. Os cenários aproveitam o senso de reflexão e introspecção do inverno com suas paisagens com neve e tradições natalinas de final de ano. São produções direcionadas a um público um pouco mais velho, que pode estar olhando para o ano que passou e pensando em seus relacionamentos e crescimento pessoal. Geralmente apresentam fortes protagonistas masculinos e exploram a vida e os relacionamentos dos homens apresentando temas como lealdade, sacrifício e dever. Ex.: "Goblin" (2016) é um K-drama de Inverno do gênero romance de fantasia sobre um goblin imortal que se apaixona por uma mulher humana e "My Love from the Star" (2013), é um K-drama de Inverno do gênero comédia romântica de fantasia sobre um alienígena que se apaixona por uma atriz famosa.

As OSTs (Trilhas Sonoras Originais)

As Trilhas Sonoras Originais (OSTs) das produções asiáticas são elaboradas para cada dorama podendo ter canções interpretadas por idols que também podem atuar nas produções. As canções são escritas para refletir a estrutura e a atmosfera do dorama. A música "My Destiny", interpretada por Lyn da OST para "My Love from the Star", liderou as paradas musicais em Hong Kong, Taiwan, Coreia do Sul e outros países asiáticos e também ganhou o prêmio de Melhor OST em 2014.



UM DESTAQUE PARA AS PRODUÇÕES SUL-COREANAS

Um passeio pelo perfil do Instagram da Netflix sul-coreana é possível compreender o impacto cultural da produção de K-dramas na Coreia do Sul: quase não se vê produção estrangeira no perfil.

Como qualquer produto audiovisual em evidência, os K-dramas moldam as tendências de moda e beleza, o estilo das pessoas que o consomem, o que provocou um aumento dos licenciamentos dos produtos coreanos, do merchandising de marcas coreanas, o interesse das pessoas em aprender coreano, a demanda por cosméticos coreanos e produtos para a pele e o turismo cinematográfico na Coreia do Sul - com muitos fãs querendo visitar os lugares que viram na tela e comer as comidas coreanas, tudo isso reflete o impacto significativo dos K-dramas na economia coreana.

Financiada massivamente pelo governo sul-coreano por considerar um “soft power”, os K-dramas e o K-pop fazem parte da “hallyu” (한류) “onda coreana” que ganhou popularidade a partir da década de 90 e que espalhou a cultura pop coreana pelo mundo, cultura repleta de valores confucionistas tradicionais tais como: o respeito pelos mais velhos, a piedade filial e a exibição de “valores morais asiáticos” que claramente estão arraigados nos K-dramas e faz um grande contraste com os valores materialistas e individualistas ocidentais tornando os K-dramas estranhamente fascinantes e reconfortantes.

Por fim, esse assunto continua na próxima edição, pois a vida de dorameira é maratonar as produções asiáticas e poder aprender mais sobre a cultura de outros países, indo além da nossa visão colonizada pela Europa e Estados Unidos, sendo uma excelente forma de furar a bolha da cultura ocidental!

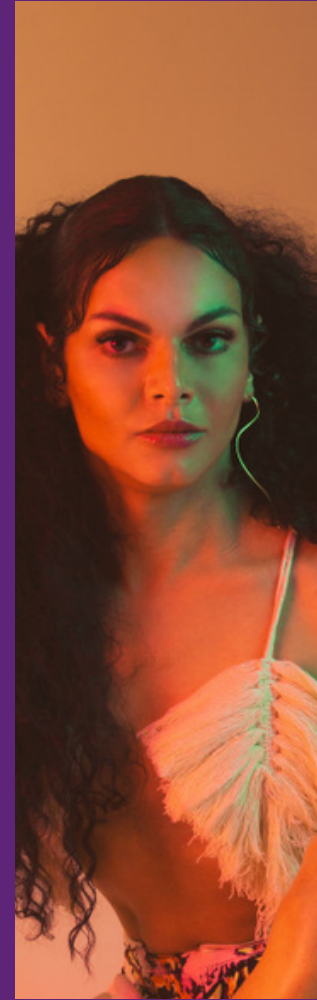
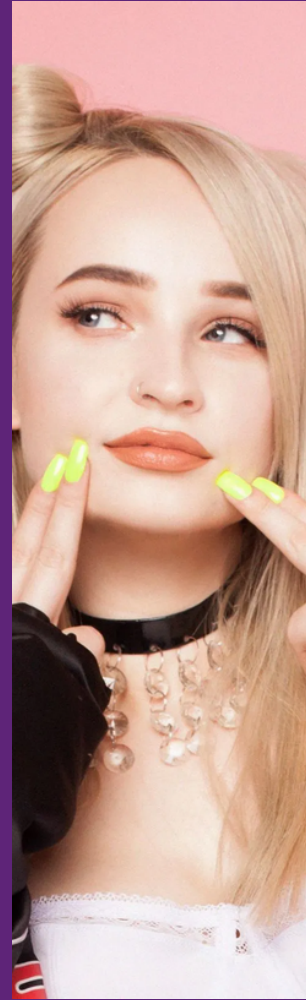
Série: **Hometown Cha Cha Cha**,
(Coreia do Sul, 2021)
Direção: Yu Je-won.
Roteiro: Shin Ha-eun..
Elenco: Shin Min-a, Kim Seon-ho, Lee Sang-yi.
Duração: **16 episódios de 88 minutos**
cada.
Onde assistir: **Netflix**
Gênero: **Comédia Romântica/ Drama**
familiar



PARA SABER MAIS:



FOTO: DIVULGAÇÃO



por

Ezequiel Bernardes [Zéq]*

PESSOAS TRANS NA CENA MUSICAL: QUEM ESTÁ NAS NOSSAS PLAYLISTS?

Dia 29 de janeiro é celebrado o Dia Nacional da Visibilidade Trans, data que busca voltar a atenção às reivindicações da população formada por pessoas trans e travestis do Brasil. Porém, em um país que marginaliza essa comunidade, e que coloca essas vidas em situação de extrema vulnerabilidade social, a importância de debater essas urgências e de dar espaços a essas pessoas não deve se conter apenas a essa data.

Além disso, nunca se falou tanto de visibilidade e da sua importância para a representatividade, apesar do termo gerar debates e contradições.



* Ezequiel Bernardes, também chamado de Zéq, [@akazeq], é ilustrador, articulador voluntário na Biblioteca Comunitária Papoco de ideias, graduando em Teatro pela UFC e apaixonado por música pop.

Linn da Quebrada, artista que alcançou grande espaço na mídia após sua participação no Big Brother Brasil em 2022 afirmou que: "A representatividade tem suas bênçãos e maldições".

Essa afirmação explicita a relação que há entre pautas sociais legítimas e o sistema neoliberal que desumaniza e transforma narrativas e demandas reais, de populações excluídas socialmente, em produto. Dando assim, continuidade a esse sistema segregatório, garantindo espaços limitados e reduzidos a esse público para transmitir uma aparência inclusiva e abrangente. Ou seja, partindo da exclusão para vender uma imagem inclusiva.

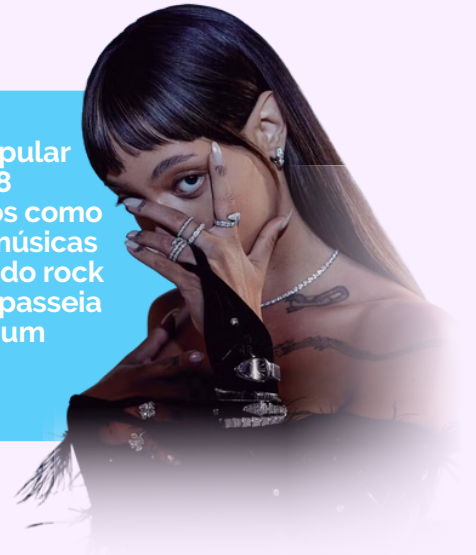
Apesar das "maldições" e armadilhas do mercado, a representatividade é importante para que o imaginário social seja movimentado como forma de combater preconceitos históricos. Inegavelmente, a presença de Linn em um programa recordista de audiência como o BBB foi de grande importância e mobilizou, nas redes sociais, na televisão e também dentro da casa de inúmeros brasileiros, debates a respeito de diversos temas como: identidade de gênero, sexualidade e discriminação racial. Outro poder que a representatividade possui, tendo em vista o impacto que os meios midiáticos têm para o processo de formação de cultura, é o de gerar **INSPIRAÇÃO**. Afinal, como se imaginar capaz de alcançar algum feito se não vemos ninguém parecido alcançando? Por que é mais fácil para algumas pessoas acharem-se capazes de chegar em determinados lugares do que para outras?

Nessa lógica, para mim, como jovem artista LGBTQIA+, a presença de referenciais que tivessem narrativas parecidas com as minhas, na mídia e na arte, foi um fator decisivo para o modo que lido e lidei, na pré adolescência, com as questões acerca da minha identidade. Ter encontrado diversos artistas queer, principalmente na música, era o que me inspirava e ajudava com meus processos, principalmente de auto estima. Todavia, quando olhamos para o topo das músicas mais tocadas em rádios e plataformas de stream percebemos que essas pessoas seguem em uma posição de subalternidade, sem o devido reconhecimento e espaço, especialmente artistas musicais transgêneros.

Pessoas trans sempre foram ativas na música e são pioneiras em diversos gêneros ao longo da história. Porém, através dos tempos, movimentos motivados por ondas de ódio e preconceito foram responsáveis pelo silenciamento e por um apagamento histórico do impacto dessa comunidade na arte e na cultura. Por isso, é importante repensar o que consumimos e de que formas estamos contribuindo com a lógica excludente da sociedade em relação aos corpos trans. Refletindo sobre isso, minhas perspectivas como jovem LGBTQIA+ e aprendiz de arte e de vida mudaram completamente quando comecei a buscar e adicionar referências que iam contra à cisheteronormatividade ao meu cotidiano e isso começou pelas playlists que me acompanham em quase todos os momentos.

Assim sendo, buscando dar mais visibilidade às vozes e mentes brilhantes que não têm o devido reconhecimento, aqui estão algumas artistas trans que merecem ser divulgadas, acompanhadas e ouvidas para que possamos modificar nossas playlists e torná-las mais diversas e inclusivas:

Urias: é uma das personalidades mais promissoras da música popular brasileira contemporânea. A cantora começou a carreira em 2018 lançando vídeos com covers de músicas de artistas já conhecidos como O Rappa e Alcione. Em 2022, a cantora emplacou nos charts de músicas virais do Spotify a canção "Foi Mal", que tem referências do pop, do rock e do MPB com uma pitada psicodélica no instrumental. A artista passeia por vários gêneros musicais, está conquistando gradativamente um espaço entre os artistas mais populares no meio digital e definitivamente merece um espaço na sua playlist.



Liniker: Em 2022, a brasileira foi a primeira artista transgênero a receber um Grammy Latino, premiação máxima de reconhecimento da excelência da música na América Latina. A cantora levou o prêmio, mais que merecidamente, na categoria "Melhor Álbum de Música Popular Brasileira" com seu último disco "Índigo Borboleta Anil". Esse acontecimento foi histórico para a premiação, para a comunidade LGBTQIA+ e para a música brasileira. Ao receber o gramofone dourado, Liniker fez um discurso emocionado agradecendo sua equipe e nas redes sociais foi parabenizada até pelo presidente Lula. A artista se consagrou com um dos maiores nomes da música brasileira e suas canções levam referências da MPB, do R&B, do Neo Soul e do Jazz.



Sophie: Com certeza é um dos nomes mais revolucionários da música pop e eletrônica. Foi a primeira pessoa abertamente trans a ser indicada ao Grammy, premiação mais tradicional de reconhecimento musical, com seu álbum de estreia. As produções de Sophie brincam com os excessos da música Pop: cores, agudos, sintetizadores, autotune, as repetições, e cria uma sonoridade totalmente inovadora e crítica, desafiando as normas de gênero, de música e também de mercado. Sophie, junto ao produtor AG Cook e à popstar britânica Charli XCX, fundaram o coletivo/selo musical "PC Music" e foram um dos maiores responsáveis pela popularização do "hyperpop" um movimento/gênero musical que abraça diversos artistas, especialmente no meio digital. Sophie faleceu devido a um acidente doméstico em 2021, mas vive através de seu legado estético e sonoro que inspira diversos artistas.





Arca: Cantora, produtora e compositora venezuelana, Arca possui uma estética única. Usa geralmente de sons sintéticos, agressivos e eletrônicos e busca em seus álbuns quebrar paradigmas sociais e de gênero, manifestando, através disso, a relação do corpo mutável e as complexidades dos sentimentos humanos. Por vezes com sons calmos e transcendentais e por outras com batidas frenéticas e alucinantes, a chamada "Diva Experimental" trabalhou com nomes reconhecidos da música internacional como Rosalia, Björk, FKA Twigs e Kanye West (antes dos posicionamentos e falas problemáticas do rapper), entre outros. Por meio da sua música, a lógica da binaridade de gênero é contestada e as camadas sonoras parecem acompanhar o labirinto que se tornou a mente e as emoções do ser humano moderno.

Kim Petras: Kim também protagonizou feitos inéditos para artistas musicais transgêneros nos últimos anos. A cantora pop chegou ao topo das paradas musicais estadunidenses, sendo a primeira mulher trans a alcançar a marca. Junto à Sam Smith, o dueto "Unholy" (que com certeza você já ouviu na rádio, no TikTik ou no Reels) foi um dos maiores hits de 2022 e acumula bilhões de streams nas plataformas digitais, além de terem, com essa canção levado um Grammy por "Melhor Performance Duo/Grupo Pop". A pop star vem alcançando espaço notável no mainstream e quem gosta de cultura pop e músicas com referências de dance e eletrônico, deve conferir.



Assucena: É baiana e ex integrante do grupo "As Baias", grupo formado junto à Raquel Virginia e Rafael Acerbi e que durante os anos de carreira (de 2011 a 2021) alcançou reconhecimento do Prêmio de Música Brasileira em 2018 e também foi indicado duas vezes ao Grammy Latino. Assucena iniciou a carreira solo com shows em homenagem aos 50 anos do disco "Fatal", de Gal Costa, e com o lançamento de alguns singles próprios. Em seus lançamentos solo, a artista flerta com diferentes gêneros e sonoridades um pouco mais eletrônicas, mas sempre carregando fortemente a MPB em sua lírica e na forma de cantar.

A partir do que foi apresentado, refletindo sobre o nosso papel contra a discriminação e sobre as perspectivas de pessoas trans e travestis no nosso país, espero que essas artistas te toquem de alguma forma e que, a partir da música, possamos começar a mudar os algoritmos limitadores que nos cercam e nos impedem de ver e promover novas possibilidades de criação de arte e de mundo.





ESCRITA ACADÊMICA

Por Nonato Ribeiro*



O Ensino Superior representa uma série de rupturas para o indivíduo, quase sempre oriundo diretamente da Educação Básica. Novas metodologias de ensino e estudo, novas posturas do professor, novos espaços de aprendizagem a serem explorados, novos tipos de trabalhos e novas avaliações. Nesse cenário, um dos grandes desafios que surge é o desenvolvimento da competência científica para a escrita acadêmica.



*Nonato Ribeiro [@nonatobiblio] Bibliotecário, leitor, nordestino e gay! Doutor em Ciência da Informação com interesse nas temáticas Informação e Diversidade sexual, Competência em Informação e Bibliotecas Universitárias.

Na Universidade, a disciplina de Metodologia Científica (e suas correlatas: pesquisa bibliográfica, elaboração do trabalho intelectual, metodologia da pesquisa, pesquisa especializada/aplicada etc.) está presente em todos os cursos das universidades, sejam da área de Ciências da Saúde, Engenharias, Ciências Naturais etc.

Isso revela a necessidade de suprir certa deficiência advinda da educação básica na abordagem de conteúdos relativos ao conhecimento científico, à metodologia científica, a comunicação científica, a normalização científica e a produção de textos acadêmicos. Incorporar a metodologia científica no contexto escolar possibilita aos alunos aguçarem sua autonomia no processo de aprendizagem, estimulando a leitura, análise e interpretação de textos, a escrita argumentativa, a construção de pensamentos de forma lógica e a busca de resolução de problemas cotidianos e práticos.

O Ensino Superior exige do seu corpo discente que domine as habilidades de leitura e produção textual nas suas diferentes esferas de ensino, pesquisa e extensão, o famoso tripé das universidades. Elas serão exigidas no estudo para as disciplinas, na elaboração e apresentação de trabalhos, seminários, avaliações etc. Desde o primeiro semestre o universitário é mobilizado para pesquisar e tornar público os resultados de suas pesquisas, que virá em forma de resumos, resenhas, fichamentos, artigos, trabalhos de disciplinas e no famoso **Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)**.

Um recurso básico da escrita acadêmica é a citação. Sempre nos utilizaremos das ideias de outros autores para construir, embasar ou corroborar nossas próprias ideias. Ao entrar em uma biblioteca, você irá se deparar com séculos de conhecimentos e pesquisas científicas registradas, resultado do trabalho de dezenas de milhares de pesquisadores que colheram informações, propuseram respostas e soluções, escreveram longamente acerca de incontáveis questões e problemas, e, então, compartilharam tudo isso com os outros. Sempre alguém já escreveu sobre o tema que nos interessa, e será necessário citar a fonte, a referência do documento. **De uma cultura escolar baseada no copiar e colar (CTRL C + CTRL V) para o entendimento que apropriar-se do texto de outras pessoas sem a devida citação é crime, é plágio.** É necessário entender que existem três formas de citação: citação direta, citação indireta e citação de citação.





Outro entendimento necessário é sobre os vários tipos de trabalhos acadêmicos:

- a) **resumo**: apresentação concisa e seletiva do texto, em que se destacam os elementos de maior importância da pesquisa.
- b) **relatório**: documento que relata uma pesquisa.
- c) **artigo**: apresenta, de forma reduzida, uma pesquisa concluída e são publicados em revistas científicas;
- d) **ensaio**: exposição de ideias, especulações, críticas e reflexões sobre uma determinada temática;
- e) **monografia**: trabalho acadêmico sobre um determinado tema.
- f) **trabalhos apresentados em eventos**: podem ser no formato de pôster, com uma apresentação visual e de forma resumida e esquemática dos dados de uma pesquisa; ou podem ser no formato de comunicação oral: seção de apresentação concisa de uma pesquisa por parte de seus autores.

Nesse universo da escrita acadêmica uma sigla gera medo e curiosidade: a **ABNT**. A **Associação Brasileira de Normas Técnicas** é o órgão responsável pela normalização técnica brasileira, através de documentos chamados normas técnicas são estabelecidos requisitos de qualidade, de desempenho, de segurança, ambientais, de procedimentos, de formas, de dimensões, de classificações e de terminologias. Dentre os mais de 200 comitês e comissões de estudo na **ABNT** temos o Comitê de Informação e Documentação, responsável pelas normas de trabalhos acadêmicos.

No âmbito da **Universidade Federal do Ceará (UFC)** temos os guias de normalização que traduzem e exemplificam as normas da **ABNT** para orientar a elaboração de trabalhos acadêmicos.

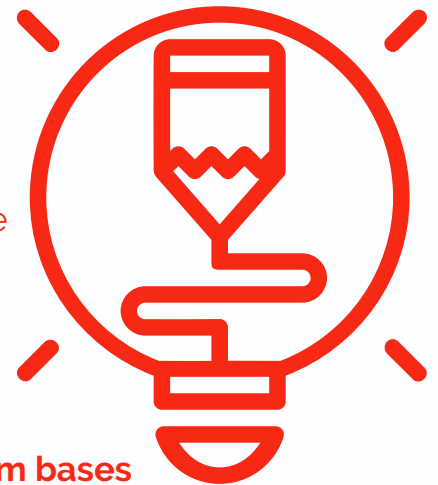
GUIAS DE NORMALIZAÇÃO



[Clique para
ver um
pouco mais](#)



Na **Biblioteca Central do Campus do Pici (BCCP/UFC)** criamos a **Semana de Escrita Acadêmica (SEA)**, com o objetivo de contribuir com a comunidade acadêmica no que diz respeito à produção textual científica da comunidade acadêmica nas atividades de ensino, pesquisa e extensão. Nas suas três edições, sua programação contou com palestras, minicursos e oficinas abordando temas como: **normalização científica, currículo lattes, orcid, pesquisa em bases de dados, inteligência artificial na escrita científica, elaboração de projetos de pesquisa, como publicar em periódicos, design de slides para apresentações científicas, pesquisa bibliográfica, plágio e direitos autorais, artigo científico e gerenciadores de referência.**



Portanto, a **escrita acadêmica** é resultante do contexto universitário, que exige a produção textual no desenvolvimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão. Conforme Couto (2005, p. 110), a **"[...] escrita não é um veículo para se chegar a uma essência. A escrita é uma viagem, a descoberta de outras dimensões e mistérios que estão para além das aparências."**

Permite ao indivíduo a apresentação dos conhecimentos que são lidos, acumulados, refletidos e contextualizados, resultando por fim na conquista da cidadania através do desenvolvimento da competência científica.

Para saber mais: Ebooks sobre escrita acadêmica



Introdução a escrita acadêmica,
de Luis Fernando Lazzarin



Leitura e produção de textos, de
Janer Cristina Machado



Escrita acadêmica, de Ercília Maria
de Moura Garcia Luiz

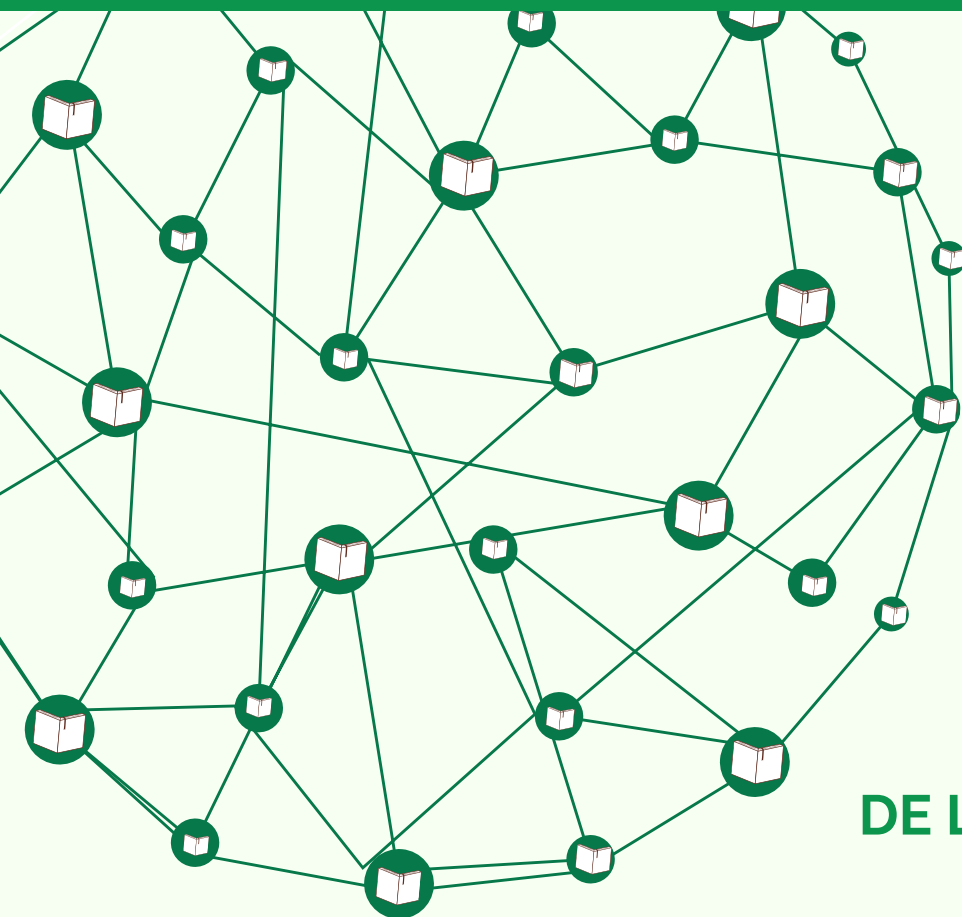


Clique em
cada EBOOK
para ver um
pouco mais

REFERÊNCIAS

COUTO, Mia. **O Sertão Brasileiro na Savana Moçambicana**. Lisboa: Caminho, 2005.





DE LIVRO EM LIVRO SE CONSTRÓI UMA COMUNIDADE LEITORA

A Biblioteca da Pastoral do Menor Granja Portugal

Por
 Andréa Freitas*
 Diana Rocha**
 Islânia Castro***

A Igreja Católica do Brasil em meados da década de 60 direciona o seu olhar para a realidade social do país, ao iniciar um processo de evangelização que denuncia e luta por uma sociedade democrática, humana e justa atuando contra as desigualdades sociais dentro e fora da Igreja. O que esse enredo tem haver com a Pastoral do Menor, motivo desse artigo? Em que esse contexto dialoga com a identidade dos trabalhos desenvolvidos pela mesma nos dias de hoje?

De fato, o convite que nos foi feito, trata-se da apresentação dos trabalhos sócio-pedagógicos desenvolvidos pela Pastoral do Menor no âmbito de seu grupo de base “Caminhando para o Futuro”, mas é impossível iniciar esse relato sem retomar a origem dessa Organização no Brasil.

***Andréa Freitas**
 Educadora Social e pós graduada em Serviço Social e Educação. Voluntária da Pastoral do Menor.



****Diana Rocha**
 Pedagoga, professora da Rede Municipal de Fortaleza. Voluntária da Pastoral do Menor.



*****Islânia Castro**
 Bibliotecária, agente pastoral, leitora. Participa de projetos de compartilhamento de livros e incentivo a leitura.



É com essa essência que o grupo de base da Pastoral do Menor “Caminhando para o Futuro”, atua na comunidade da Granja Portugal há cerca de 25 anos, atendendo por meio de oficinas sócio-educativas, arte e esporte. Com muitos anos de atuação, poucos recursos e estando inserida em uma comunidade de periferia situada em um território onde os índices de violência urbana, drogas, desemprego só se agravam, a atuação junto a esse público cada dia torna-se mais desafiador, sobretudo quando encarado de frente uma pandemia e posteriormente suas consequências.

Mas, como a fonte de transformação muitas vezes encontra-se dentro de cada um, foi no período da pandemia de Covid-19 onde nos deparamos sem nenhuma condição de atendimento das crianças e adolescentes que enxergamos no livro um instrumento terapêutico, inclusivo e sócio afetivo sendo neste momento o projeto de leitura o elo de ligação entre a Pastoral e as famílias e suas crianças que estavam recolhidas.

Para compreender o percurso até chegar a essa ação, será apresentado a seguir os caminhos trilhados pelo projeto de leitura da Pastoral do Menor e que posteriormente tornou-se a Biblioteca Comunitária Raimundo Ribamar do Nascimento, atuando no âmbito das ações socioeducativas da Pastoral do Menor na Granja Portugal e abrindo as portas para o acesso da comunidade da Granja Portugal ao Livro, a Leitura e a Literatura.

Já em 2009 nasce o espaço de leitura para atender a demanda de crianças e adolescentes iletrados atendidos pelo grupo em outras oficinas, passando a ofertar a esse público ações de incentivo à leitura e reforço escolar. Era um trabalho de formiguinha, limitando-se a atividades pontuais, através de resultados tímidos se utilizando de subsídios como gincanas literárias, jogos literários visando o estímulo à leitura para em média 30 semanalmente.

Tais ações aconteciam e acontece pelo suporte de uma equipe composta de voluntários nas áreas de biblioteconomia, pedagogia e agentes de pastorais que buscaram ampliar o universo leitor das crianças, haja vista na comunidade não haver nenhuma biblioteca e/ou projeto com cunho literário, vislumbrando que através do acesso à leitura, essas crianças e a própria comunidade poderiam reescrever sua história.

Visando fortalecer esse trabalho, em 2019, firmou-se parceria com o Projeto Arte na Biblioteca, desenvolvido pela Biblioteca Central do Campus do Pici da Universidade Federal do Ceará, e passamos a desenvolver atividades de empréstimos de livros, livros livres, oficinas de leitura e cine clube pastoral. As atividades buscam incentivar crianças, adolescentes e familiares à leitura e dar acesso ao livro para toda comunidade.

Ler não dá sono, dá sonhos.

Com o trabalho já estruturado e fortalecido com o **Projeto Livros Livres, o Espaço de Leitura “Incentivo a Leitura, Progresso na Escola”** conseguia chegar às crianças e adolescentes de forma mais substancial, lúdica e atrativa disseminando a leitura em seu cotidiano.

Com essas ações em parceria com a **Biblioteca Central do Campus do Pici da Universidade Federal do Ceará, o Grupo Caminhando para o Futuro - Pastoral do Menor** foi construindo ações consistentes de sua grade de trabalho para que a leitura ocupasse lugar nas formações, no entretenimento e nas aprendizagens construídas junto às suas crianças e adolescentes, sendo freada no ano de 2020, em virtude da pandemia de covid.

O advento da pandemia nos proporcionou um novo jeito de chegarmos às crianças, adolescentes e famílias, com a idealização do projeto **Sacola Literária Delivery**, onde eram levados aos leitores não apenas livros, mas instrumentos de esperança diante de uma realidade tão adversa ao qual estavam vivendo. Essa ação consta da disponibilidade de um cardápio literário enviado através de whatsapp para as famílias que solicitavam os títulos e recebiam em suas residências. Ao longo desses **3 anos** a **Sacola Literária** disponibilizou mais de **600 títulos**, proporcionando o acesso ao livro que traz inúmeros benefícios para uma comunidade vulnerável socialmente como a **Granja Portugal**.

Esta ação deu uma injeção de ânimo aos voluntários da **PAMEN** que mesmo diante dos obstáculos surgidos com o distanciamento social, a perda de um dos seus membros, a percepção das situações de abandono que encontravam-se as famílias atendidas, se reinventaram construindo um canal que possibilitou às crianças, adolescentes e suas famílias a criação de um universo paralelo a tudo que estavam vivendo, podendo assim verem a vida com uma nova ótica.

O retorno das atividades aconteceu de forma parcial em 2021, durante o segundo semestre, período também que foi idealizado uma nova empreitada **“Geladeira Literária”** que tem o objetivo de compartilhar livros, dando acesso agora a toda a comunidade a um equipamento que doa, recebe e principalmente dissemina saber através de livros, essa ação já compartilhou 679 títulos e tem como público mais presente as crianças.



E por quê o trabalho de leitura nas ações de uma pastoral social?

Antônio Cândido defendia a literatura como direito humano básico, assim como a alimentação, a moradia, saúde, educação, então a implementação de uma **Biblioteca Comunitária** no bairro da **Granja Portugal** com uma população em média de 43.000 pessoas com pouco suporte do poder público, passa a ser um grande marco para a vida dos moradores dessa comunidade, sendo percebido através dos relatos a seguir:



“A sacola literária no momento para meus filhos que são pré adolescente funciona como uma terapia, drena toda energia dessa fase da vida bem complicada, agradeço a Deus todos os dias por essa paixão deles por leitura, assim meu controle é maior sobre o que estão lendo e fazendo. então para mim e meus filhos ela é muito importante. Tem que continuar sim em 2022/2023/2024/.... Enfim sempre.”
Meyre

“Os livros são sempre entregues no prazo, e as escolhas são diversificadas e sempre tem livros muito bons.”
Nicoly

“A sacola literária é uma opção de lazer e entretenimento com as mais divertidas aventuras que se vive nas páginas de um livro, esses projetos são nota 1000.000.”
Jonas Filho

“Sou muito fã da sacola e de qualquer projeto que envolva leituras, se for gibi então estou dentro. Amo a sacola literária.”
Jhonatan

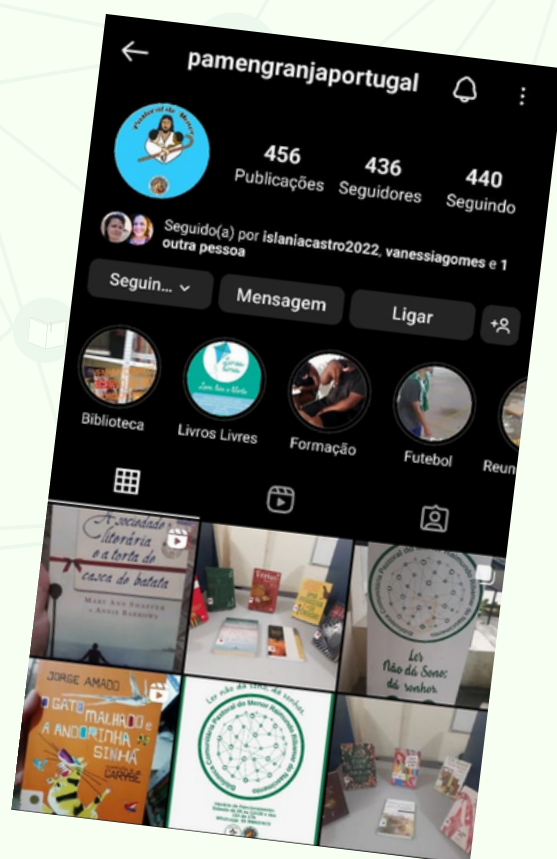


Considera-se, portanto que de um projeto de leitura, hoje a **Pastoral do Menor na Granja Portugal** construiu uma biblioteca comunitária que faz com que o livro passe a ser presença ativa na vida das crianças, adolescentes e famílias atendidas pelo **Grupo Caminhando para o Futuro** e também no cotidiano da vida Pastoral através da **Geladeira Literária** acessadas pelos fiéis antes e depois das missas, nas ações da sacola literária delivery que fez chegar até os moradores da **Granja Portugal** atuantes ou não na Igreja, bem como nos bairros adjacentes, como **Bom Sucesso, Bom Jardim, Granja Lisboa e Conjunto Ceará**.

Sabemos que ainda temos muito a trilhar, uma vez que o público atendido é oriundo de uma comunidade não leitora, de escolas com poucas iniciativas de incentivo à leitura por prazer e de uma sociedade classista que não permite que pessoas em situação de vulnerabilidade tenham acesso ao livro e a literatura.

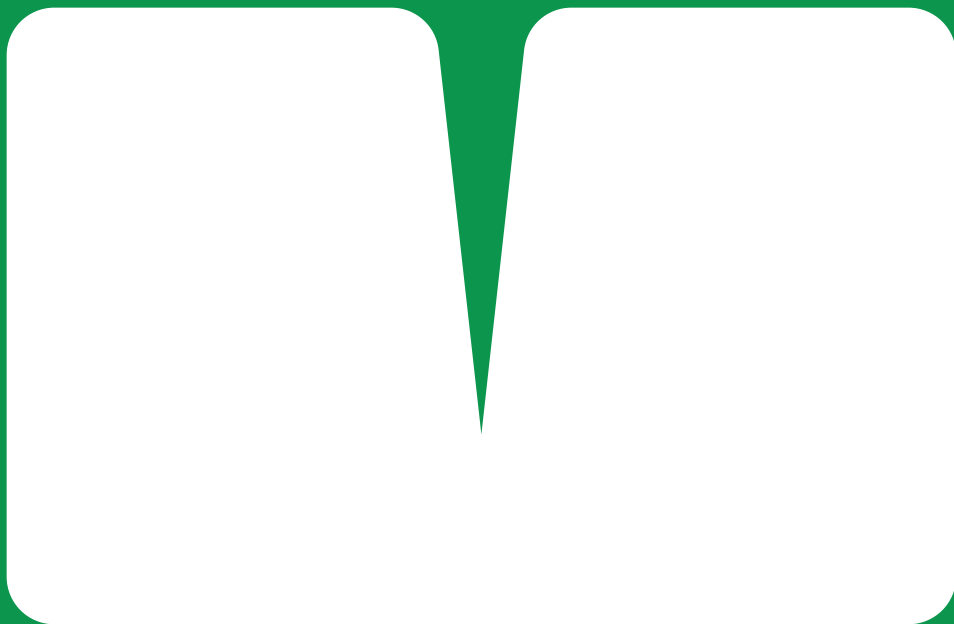
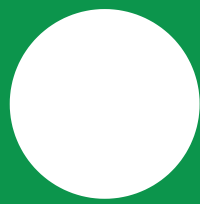
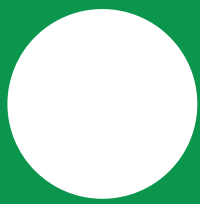
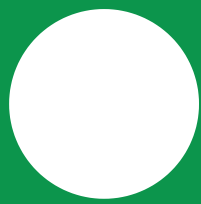
Mas, já são observados frutos deste trabalho, quando ao final das atividades da **PAMEN** aos sábados às crianças e adolescentes, chegam na biblioteca pedindo sugestão de livros para levarem para suas casas, adolescentes de outras ações pastorais aguardam ansiosas a abertura da biblioteca e moradores da comunidade nos procuram para dicas de livros, busca de empréstimos para distintas situações, comprovando assim que estamos contribuindo para uma sociedade mais leitora, pois o cidadão que lê amplia seu modo de ver e sentir o mundo.

De forma geral, observa-se que o trabalho desta pastoral social devolve a dignidade aos moradores da periferia quando promovem acesso a informação, ao entretenimento e a cultura literária, estimulando à leitura, a formação de mediadores de leitura, a alfabetização e o letramento, além de ir construindo uma corrente de oportunidades que interliga o social, o acadêmico, o religioso e o humano.



Biblioteca

Em Cena



EDUCAÇÃO DE USUÁRIOS NA BCCP

Por
Mateus Paiva*



Como apontou o bibliotecário indiano Ranganathan ao definir sua primeira lei da Biblioteconomia, “os livros são para usar”. Assim, e aqui fazendo uma interpretação extensiva do pensamento do indiano, podemos dizer que “as bibliotecas são para usar”. Ao longo da história, essas unidades de informação têm exercido papel importantíssimo no cumprimento da primeira lei de Ranganathan, promovendo acesso aos livros e toda a sua riqueza de conhecimento. Mas como usar os livros e as bibliotecas?

***Mateus Paiva** - [@lmateuspaiva] Formado em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará. Bibliotecário da Biblioteca Central do Campus do Pici/UFC



Essa é uma questão comum entre usuários que ainda não são familiarizados com as bibliotecas, tampouco com a produção acadêmico-científica, e mesmo entre frequentadores assíduos dos ambientes universitários, que já vivenciaram múltiplas experiências dentro do ecossistema acadêmico. É aí que entra a educação de usuários, que é uma das manifestações do apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão, este que se configura como uma das principais funções das bibliotecas dentro de uma instituição de ensino superior.

Conceitualmente, a educação de usuários é apresentada como as atividades cujo objetivo é instruir os usuários no que diz respeito à utilização dos recursos informativos oferecidos pela biblioteca (CUNHA; CAVALCANTI, 2008). Dessa forma, já citando outra característica dessas atividades, é proporcionada maior interação entre usuários e biblioteca (BELLUZZO, 2020), além da promoção de habilidades de interação permanente com sistemas de informação (DIAS; PIRES, 2004).

A Biblioteca Central do Campus do Pici (BCCP) Prof. Francisco José de Abreu Matos, por meio de sua Seção de Atendimento ao Usuário (SAU), oferta à comunidade acadêmica e ao público em geral muitas dessas atividades voltadas ao ensino dos usuários, representando o Sistema de Bibliotecas da UFC (SIBI-UFC) nas Unidades Acadêmicas que atende. Em 2020, com o início da pandemia de Covid-19 e o isolamento social necessário para a contenção da doença, a BCCP teve de se adaptar rapidamente, tomando medidas importantes para suprir as necessidades de seu público.

A utilização dos recursos digitais para divulgação e realização das atividades passou a ser indispensável. Tudo passou a ser feito de forma remota, mas a biblioteca soube se colocar como protagonista, fazendo-se cada vez mais presente na vida dos estudantes, mesmo que à distância. O relato de experiência, feito pelos então bibliotecários da SAU, sobre as ações de educação de usuários da BCCP durante a pandemia foi registrado na coletânea Bibliotecas Universitárias: estudos e experiências, publicada em 2022.

Em março de 2022, as aulas presenciais e o atendimento ao público foram retomadas na UFC. Com isso, a BCCP voltou a atender as demandas de treinamentos presenciais. Como era feito antes da pandemia, as atividades vêm sendo ofertadas por demanda ou dentro dos eventos promovidos pela biblioteca, como a Semana Nacional do Livro e da Biblioteca da BCCP e a Semana de Escrita Acadêmica. A modalidade remota também continua sendo utilizada, por vezes até de forma conjunta com a presencial (modalidade híbrida). Os bibliotecários da SAU, principalmente, são os responsáveis por ministrar os treinamentos.

A BCCP, sempre com o intuito de melhorar a qualidade e a oferta de suas ações, bem como aumentar a visibilidade destas entre a comunidade de usuários, vem utilizando cada vez mais as mídias digitais como instrumentos de divulgação. O perfil da biblioteca no Instagram, tendo no primeiro semestre de 2023 alcançado o número de 9 mil seguidores, é a ferramenta principal no que se refere à promoção das ações no ambiente virtual. Essa ocupação de espaços virtuais, para além da divulgação, promove uma maior interação com o público, gerando mais interesse.

Neste mesmo semestre de 2023.1, a BCCP lançou, utilizando seus perfis no Instagram e no Facebook, o seu Catálogo de Treinamentos. Nesse documento, cujo layout foi desenvolvido pela equipe da SAU com o apoio dos bolsistas da biblioteca, são listados todos os treinamentos disponíveis que são oferecidos sob demanda. A intenção com o Catálogo é deixar mais evidente quais os treinamentos oferecidos e quais assuntos são tratados em cada um deles. O arquivo será atualizado semestralmente, buscando sempre que possível diversificar as ações ofertadas.

REFERÊNCIAS

BELLUZZO, Regina Celia Baptista. **Educação de usuários e competência em informação**: enlaces e desenlaces. [S. l.]: [FEBAB], 2020. Disponível em: repositorio.febab.org.br/files/original/51/6136/educacao_usuarios_competencia_informacao_enlaces_desenlaces_belluzzo.pdf. Acesso em: 8 maio 2023.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

DIAS, M. M. K.; PIRES, D. **Usos e usuários da informação**. São Carlos: EDUFSCAR, 2004.

NASCIMENTO, I. da R.; MENDONÇA, M. A. de; SANTOS, R. N. R. dos; NASCIMENTO, R. da S. Novas práticas de educação de usuários em bibliotecas universitárias a partir da pandemia de covid-19: relato de experiência na Biblioteca Central do Campus do Pici. In: SANTOS, I. L. dos; FEITOSA, K. Y. S.; DAMASCENO, T. N. F. (Org.). **Bibliotecas Universitárias**: estudos e experiências. Fortaleza: Biblioteca Universitária/UFC, 2022. cap. 9. Disponível em: repositorio.ufc.br/handle/riufc/69825. Acesso em 2 maio 2023.

Também no semestre de 2023.1, a equipe da SAU elaborou e passou a divulgar entre os participantes das atividades o formulário de avaliação dos treinamentos. O objetivo é coletar dados sobre as impressões dos estudantes em relação ao conteúdo, didática, etc., dos encontros promovidos pela BCCP, para subsidiar tomadas de decisão futuras.

Para finalizar, também com o intuito de coletar dados para a elaboração das futuras ações, foi realizada uma pesquisa de interesse em relação à educação de usuários da biblioteca. Divulgada por meio das redes sociais e do site do SIBI-UFC, o formulário dá a oportunidade dos estudantes mostrarem quais os assuntos, horários e modalidades que preferem nos treinamentos, além de poderem apresentar sugestões e/ou críticas.

Diante disso, podemos dizer que a BCCP vem fazendo um trabalho de excelência nessa área de atuação, cada vez mais preocupada em melhorar e buscando utilizar o que há de mais inovador para tanto. Claro que sempre existem aspectos que demandam mais atenção e que necessitam de aperfeiçoamento, porém o empenho para resolver os problemas e garantir o melhor atendimento à comunidade está sempre presente.

A INFLUÊNCIA DA ARTE NA PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL



por Gustavo da Penha de Paula *

Segundo Amarante(2007), a saúde mental é um campo imerso em uma complexa rede de saberes, que não se resume apenas a psicopatologias e análises semiológicas, e sim a um campo de conhecimento plural e transversal. Durante séculos, a saúde mental foi ignorada e tratada como irrelevante frente aos demais problemas que podiam ser vistos fisicamente. A ciência vem aperfeiçoando os estudos na área devido sua relevância imensurável, e atribui essas pesquisas não apenas ao tratamento de transtornos e/ou doenças, mas a promoção da saúde do indivíduo por completo.

No Brasil, a situação mental da população é preocupante e os transtornos psicológicos vem se tornando cada vez mais constantes. Um grande exemplo desse fato, é o país ser considerado atualmente o mais ansioso do mundo, dando a nação posições significativas no ranking mundial frente a essas problemáticas segundo Oliveira (2022). No entanto, a terapia também vem ganhando espaço e voz mesmo enfrentando os tabus impostos pela sociedade. Percebeu-se que práticas cotidianas presentes na arte como a música, a dança, as brincadeiras, entre outros, agem como terapias fundamentais para saúde mental. (ROSA; PETO, 2018, p. 13).

As manifestações artísticas estão inclusas no cotidiano e são expressas e utilizadas subconscientemente em momentos pessoais. Desse modo, arte é uma forma de expressão humana de transmite pensamentos, sentimentos, atributos que são únicos e intimamente humanos.

Mas outro fator importante é pensar em como a arte pode ajudar, e muito, no processo de bem-estar, sendo uma ferramenta para a saúde mental. A partir de suas manifestações, o ser humano a utiliza para falar sobre temas variados, sentimentos e emoções humanas, no qual o artista se conecta com isso, e quem aprecia também. (VIVA, 2021).



*Gustavo da Penha de Paula [@gustavopenha88] Estudante do curso de Farmácia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia. Afro-brasileira (UNILAB). Nordestino, cientista em formação, apaixonado por saúde mental.



A percepção de que a arte influencia em quem somos e no nosso estado mental é expresso em diversas obras literárias e cinematográficas. Um grande exemplo pode ser visto na série *Stranger Things*, na quarta temporada o vilão chamado Vecna atacava as vítimas tirando suas vidas. Entretanto, as vítimas só eram pessoas psicologicamente fragilizadas devido às relações familiares, escolares, entre outros.

Ao decorrer do drama, uma das personagens chamada “Max” foi pega por ele, e ao serem capturados, os jovens normalmente não tinham saída pois ficavam presos em suas próprias mentes, no entanto, a personagem ao ouvir a música “Running Up that Hill” de Kate Bush conseguiu se reconectar com sua mente e fugiu. Na série, o vilão se transfigurava nas inseguranças de cada vítima ativando gatilhos mentais. Através da obra, podemos perceber figurativamente como a arte age como um fator de auto reconhecimento e uma ferramenta para a promoção da saúde mental.

Contudo, no Brasil desde a implantação do ensino artístico em 1816, essa prática é considerada como um acessório de sofisticação sendo tratada como um passatempo para preencher os horários livres. Na história, encontramos a arte sendo usada como elemento de poder e elegância, na metade do século XX, o ensino da arte consolidou-se no programa de escolas para moças da alta classe devido seu ensino ser correlacionado com delicadeza e classe. Dessa maneira, desde sempre a cultura foi estabelecida como uma ação da elite que inviabiliza o consumo de arte pelas massas e trata-a com uma ciência minoritária frente às demais áreas do conhecimento conforme afirma Solano e Santos (2009). Assim, é possível perceber a construção do preconceito relacionado a arte e as ciências humanas, que dificulta seu acesso às populações mais vulneráveis e as deixam mais suscetíveis a problemas psicológicos e a alienação.

Os transtornos mentais estão associados a significantes consequências negativas que afetam a sociedade como um todo. O impacto econômico e social dos transtornos mentais pode ser observado em termos de perdas de capital humano, redução da mão de obra qualificada e educada, enfraquecimento da saúde e desenvolvimento global de crianças, perda de força de trabalho, violência, criminalidade, pessoas sem casa e pobreza, morte prematura, saúde vulnerável, desemprego e despesas para os membros da família.
(SILVA; SANTANA, 2012, p. 3.)

Analisando essas situações, é possível compreender o espaço que a arte exerce na promoção da saúde mental, isso não significa tratar uma doença, mas sim prevenir que ela aconteça. A dança, a música, as brincadeiras, são comportamentos que estão presentes no dia a dia e ajudam a pensar, se divertir, desfocar de um problema, e atenuar pensamentos e sentimentos presentes no nosso interior. Para isso, é necessário que a arte seja tratada com devida importância, assim como as demais áreas do conhecimento e seja acessível a todas as pessoas, para que possam encontrar não apenas algo que gere entretenimento, mas também completude.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, P. Saúde mental e atenção psicossocial. 4. ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2007. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 21 abr. 2023.

OLIVEIRA, Giovanna De. Saúde mental: tabus referentes aos transtornos mentais. Revista Internacional d'Humanitats, [s. l.] n. 7-8, p. 54-55, jan./ago. 2022.

ROSA, Maria de Lourdes da Rocha; PETO, Ana Carla. Saúde Mental: música, dança e lúdico para abrir a cortina da memória e da alma. Rio Branco: Edufac, 2018.

SILVA, Dilma Ferreira da. SANTANA, Paulo Roberto de. Transtornos mentais e pobreza no Brasil: uma revisão sistemática. Tempus: Actas de Saúde Coletiva, v. 6, n. 4, 2012.

SOLANO, Samantha. SANTOS, Maria Alice de Paula. O preconceito do ensino da Arte: conhecer para transformar. Revista Educação, v. 4, n. 1, 2009. Disponível em: <http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/469>. Acesso em: 21 abr 2023.

VIVA, Psicologia. A Arte como benefício para a Saúde Mental. 2021. Disponível em: <https://blog.psicologiaviva.com.br/a-arte-como-beneficio-para-asaude-mental/>. Acesso em: 21 abr. 2023

Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação: conceituação histórica ao hodierno

Por
Francisco Jonas*



As práticas da Biblioteconomia se datam da antiguidade e das primeiras ações daqueles povos em organizar o conhecimento provindo do seu período. As grandes bibliotecas da antiguidade, como a grande biblioteca de Alexandria ou a de Nínive, são reconhecidas nos dias atuais por suas contribuições na área do conhecimento científico. As bibliotecas, por sua vez, não buscavam atender a um público amplo e diversificado, nelas se buscavam mais guardar, proteger, do que divulgar ou dar acesso (TANUS, 2016). Historicamente, com a maior parte da população não alfabetizada, o acesso aos meios dos quais as bibliotecas poderiam suprir era restrito a uma menor parcela que possuía certo grau de alfabetização.

Diante desse cenário, apenas com o aperfeiçoamento da imprensa de tipos móveis criada por Gutenberg, entre o século XV, é que se inicia uma reconstrução do acesso aos meios de informação, assim como a métodos de organização e distribuição ordenada, facilitando a busca rápida e prática ao conhecimento. A Biblioteconomia age nessa mudança. A imagem do bibliotecário passa a se tornar importante diante do seu conhecimento em coordenar tais práticas. Ocorre também, uma mudança social na forma com a qual os leitores se consolidaram. “Diante disso, o estabelecimento de uma Biblioteconomia científica, ocorre no século XIX, com a publicação não mais apenas de manuais, mas de obras que além do fazer, discutem seus assuntos, no âmbito teórico.” (TANUS, 2016).

 Francisco Jonas Ferreira Silva [@j.onnas_] graduando em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Gosta da Geopolítica Nacional e Internacional, estuda a área da comunicação e é um autodidata por natureza.

Logo, com o contexto abordado acima, surgiram técnicas que hoje graças a um histórico de revoluções e atualizações podem se fazer construir o campo da Biblioteconomia e as habilidades e ações que o bibliotecário deve prover em suas funções:

Há uma série de funções altamente profissionais nas bibliotecas, cujo desempenho eficiente é decididamente dependente de formação apropriada, experiência e outras qualidades associadas a funções profissionais: desenvolvimento de coleções (seleção dos materiais) classificação; catalogação; referência; pesquisa em sistemas de recuperação da informação administração (planejamento estratégico, estudo do usuário, educação do usuário etc.) (DIAS, 2007).

Uma das definições encontradas para a documentação se diz que ela é a:

Arte de coletar, classificar e tornar facilmente acessíveis os registros de todas as formas de atividade intelectual. É o processo pelo qual o documentalista pode colocar ante o especialista criador a literatura existente sobre o campo de sua investigação, a fim de que ele possa tomar pleno contato com as realizações anteriores em seu terreno, e dessa forma evitar a dispersão de esforço na realização de uma tarefa já executada. (BRADFORD, p. 68).

Enquanto a Biblioteconomia se enquadra em questão da organização e da manipulação do controle de acervos e suas demais práticas, a ação do documentalista se baseia em tornar disponível a informação original registrada em artigos de periódicos, folhetos, relatórios, especificações de patentes e outros registros semelhantes na circulação da informação (BRADFORD, p. 69). Ou seja, com a demanda do conhecimento disperso pelo invento de Gutenberg e sua massiva circulação, se tornou mais do que necessário a configuração de outras profissões que tornasse o trabalho do bibliotecário progressivo em meio a tamanha demanda em circulação. A documentação se trata desse viés, um campo de atuação para facilitar o acesso do conhecimento, de forma válida, além de suprir possíveis carências das bibliotecas no atendimento aos seus usuários na busca pela informação.



A Biblioteconomia se postou, desde a antiguidade como uma área que necessita de outras para o seu aperfeiçoamento, a documentação se fez prestativa em assumir esse papel junto com outras que surgiram mais a frente e que podem fechar arestas feitas por esse campo em primeira análise. Em relação às partes que podem compor a documentação, se destacam duas características funcionais do profissional: a indexação e a disseminação da informação, ambas exigindo formação e experiência para serem bem desempenhadas.

A primeira se responsabiliza pelas ações prestadas fora das bibliotecas, podendo ser terceirizada e não se prende a atuação em uma biblioteca em específico. A segunda se caracteriza pela demanda atual de informar as pessoas com fontes concretas e objetivas, visando sempre a verdade em detrimento da informação. Por volta de 1968, Borko fez a publicação de um artigo de nome "Ciência da Informação: o que é isto?", traduzido para o português, em que buscou definir as bases dessa nova área e se possível suas origens. De acordo com ele, a ciência da informação é a "disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam seu fluxo e os meios de processamento para otimizar sua acessibilidade e uso" (BORKO, p. 3).

Depois de descrita a análise da Biblioteconomia sob a perspectiva do seu conceito histórico até a idade moderna com a influência de Gutenberg, é notória a capacidade de melhoria no acesso à informação. Diante disso, a Documentação e a Ciência da Informação formam disciplinas que compõem esse conjunto que assume como intercessão o campo da Biblioteconomia. A ciência da informação, assim como, a documentação, é uma objeto de estudo que exige a qualificação e uma formação avançada para entender e proporcionar o que BORKO define com sua conceituação (DIAS, 2007).

Depreende-se, portanto, que a ligação entre esses campos analisados: a Biblioteconomia, a Documentação e a Ciência da Informação, são áreas e objetos de estudo que embora possam abordar pontos diferentes e estudos característicos, se complementam e se relacionam entre si. As origens da Biblioteconomia se fez necessária a criação de novos estudos para a melhoria no acesso à informação e conhecimento, diante disso surge o conceito da Documentação, e a Documentação por si só necessitava de uma disciplina que analisasse toda a veracidade e a maneira com a qual a informação ou o conhecimento era transmitido. Várias outras ciências ainda podem existir para compor essa base da Biblioteconomia e que contribua de fato para a manutenção e ordem da qualidade no acesso e a disseminação do saber, na medida em que ao decorrer do tempo surgiram tais práticas de apoio usadas no hodierno por muitos profissionais do campo.

Referências

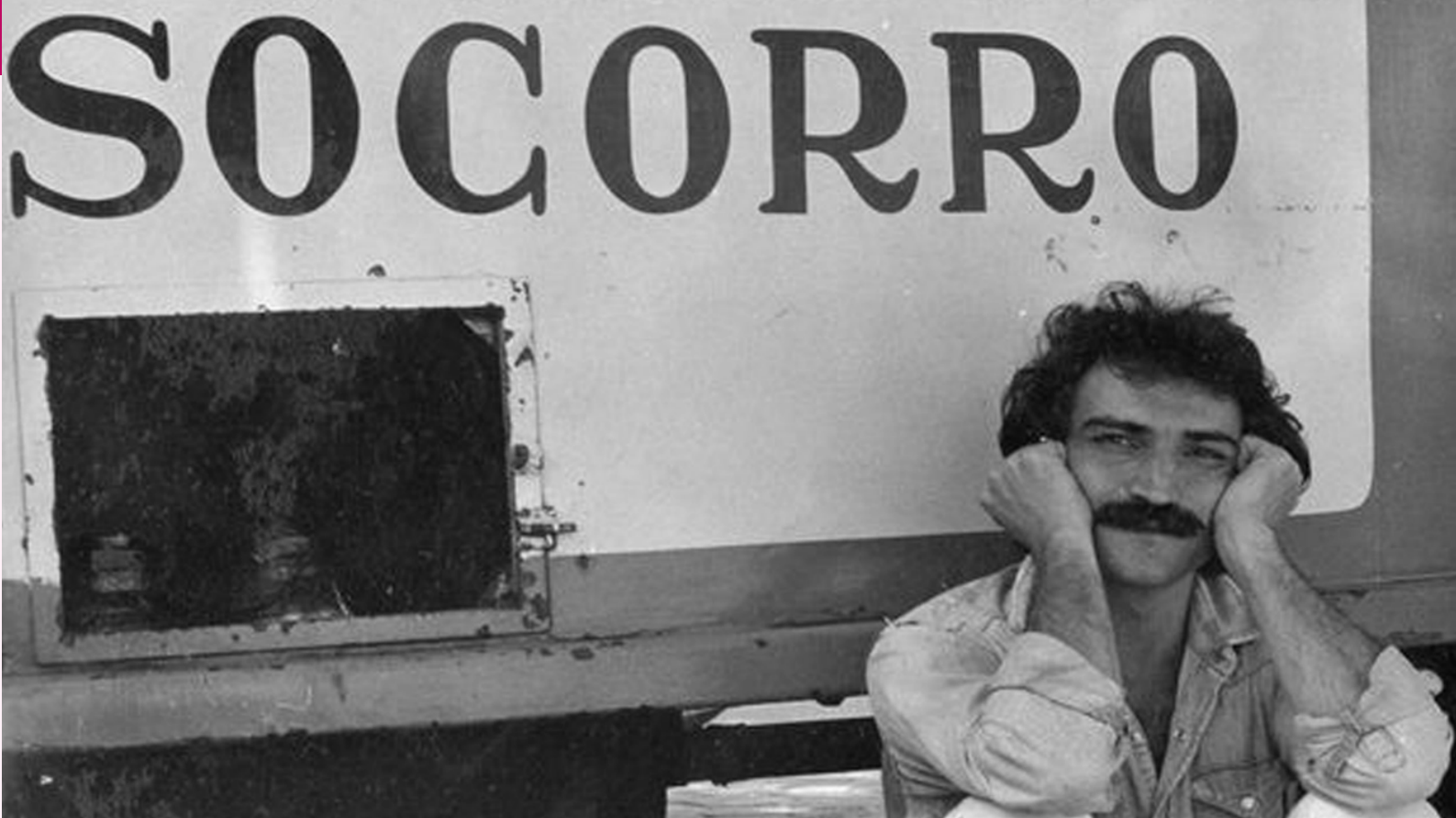
BRADFORD, S. C. **Documentação**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

BORKO, H. Information science: what is it? **American Documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, Jan. 1968.

DIAS, Eduardo José Wense. Biblioteconomia e Ciência da Informação: natureza e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 5, nov. 2007. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/556>. Acesso em: 03 jun. 2022.

OLIVEIRA, M. de. **A investigação científica na ciência da informação**: análise da pesquisa financiada pelo CNPq. Brasília, 1998. Tese (Doutorado) - Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

TANUS, G. F. A constituição da biblioteconomia científica: um olhar histórico. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 14, n. 2, p. 217-231, 2016. DOI: 10.20396/rdbci.v14i2.8643878. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8643878>. Acesso em: 3 jun. 2022.



NA HORA DO ALMOÇO: Belchior

por Francisco Moura* e Daniel Freitas**



Há 47 anos, no ano de 1976, chegava ao mundo o disco que possuía um canto torto feito com faca que cortou o nosso corpo e nossa alma, trazendo assim diversas emoções. Refiro-me ao disco *Alucinação*, pertencente ao cantor, compositor, artista plástico, produtor, instrumentista e professor, Antonio Carlos Gomes Belchior Fontenelle Fernandes, como ele gostava de brincar “o maior nome da mpb”, simplesmente Belchior. Nascido em Sobral em 1946, largou o curso de medicina e chegou a cursar filosofia antes de se aventurar como músico.

*Francisco Moura [[@chicomouraf](#)] Coordenador do Arte na Biblioteca, arte-educador e estudante de Cinema.

**Daniel Sousa Freitas [[@daniel_sfreytas97](#)] Formado em Design Gráfico e estudante do curso de Música da UFC. Toca teclado e nas horas vagas trabalha em projetos de produção musical.



Alucinação foi o segundo disco do cantor, foi gravado pela PolyGram, através do selo Philips e produzido por Marco Mazzola, que já havia trabalhado com Raul Seixas e Rita Lee. Consta que os diretores da empresa assinaram um contrato de apenas um ano, pois não acreditavam que a voz anasalada e trejeitos notadamente nordestino fosse emplacar no mercado fonográfico, porém o sucesso das composições de Belchior, “Como nossos pais” e “Velha roupa colorida, no aclamado espetáculo “Falso Brillhante”, de Elis Regina, que depois virou LP. O disco contrariando as expectativas teve excelente repercussão na mídia, vendendo ao todo mais de 500 mil cópias, um verdadeiro sucesso na carreira do artista e que o lançou de vez no mercado musical nacional. O canto rasgado, dilacerado, emocionado de Belchior cativara o povo brasileiro.

Belchior buscou abordar questões locais sem deixar de ser universal, questiona os sonhos da sua geração de jovens, a modernidade, a vivência em grandes metrópoles, os conflitos geracionais, as relações migratórias entre o campo e a cidade, críticas à ditadura militar e temas presentes entre a juventude brasileira e sociedade em geral.

O álbum possui 10 faixas, vamos passear por elas?

Música 01- Apenas um rapaz latino-americano: “Fale de sua aldeia e estará falando do mundo” disse Dostoievski, Belchior Já na primeira estrofe mostra suas origens e seu canto universalizado por ser antes de tudo local “ Eu sou apenas um rapaz latino-americano/ Sem dinheiro no banco sem parentes importante/ E vindo do interior” , em tom político diz que tudo já não é mais tão “divino maravilhoso” , como canta Caetano e Gil e que “tudo muda/ e com toda razão”. O tom político é escrachado na estrofe “mas sei que tudo é proibido” e justo por isso a canção não pode ser mais feita “como se deve/ Correta, branca, suave, muito limpa, muito leve”, “sons, palavras, são navalhas” não se pode mais” cantar como convém/ sem querer ferir ninguém”. Belchior demonstra que a palavra, a música e a arte em geral tem que confrontar, desvelar a verdade da ditadura, “os horrores que eu lhe digo”, mas não se preocupe “Isso é somente uma canção/ A vida realmente é diferente/Quer dizer/Ao vivo é muito pior), enquanto a arte tenta escrachar e expor a tirania e os assassinatos do regime militar continua sendo só a arte, fere a alma, emociona, mas ao vivo é muito pior.

Música 02- Velha Roupas Coloridas: Essa música já tinha estourado com Elis Regina no espetáculo "Falso brilhante", nela Belchior canta um de seus temas recorrentes nessa fase: o "novo", que apareceu na música concreta "Mote e Glosa que abre seu primeiro álbum " é o novo é o novo é o novo" "pra você que é muito vivo me diga qual é o novo" . O novo, a nova mudança que em breve vai acontecer, o novo de outrora já não é mais tão novo, "hoje é antigo", conclamando que "precisamos todos rejuvenescer". O novo já não tão novo, aparece metaforizado na velha roupa colorida do movimento de contracultura que saiu a " rua em grupo reunido/ O dedo em V, cabelo ao vento, amor e flor, vejo cartaz", Belchior nos lembra que "precisamos todos rejuvenescer" No presente a mente, o corpo é diferente/ e o passado é uma roupa que não nos serve mais"

As referências literárias e musicais comuns na obra de Belchior aparecem claramente quando o compositor faz menção a Edgar Allan Poe em seu poema, "O corvo" - The Raven. Belchior tal qual Poe pergunta ao passarinho: "Assum preto, pássaro preto, Black bird o que se faz?". É interessante observar que o compositor traz o assum preto, pássaro preto do sertão, da caatinga, cantado por Luiz Gonzaga e black bird cantada pelos Beatles associado ao corvo de Poe.

"Como Poe, poeta louco americano

Eu pergunto ao passarinho

Assum preto, pássaro preto, Black bird o que se faz?

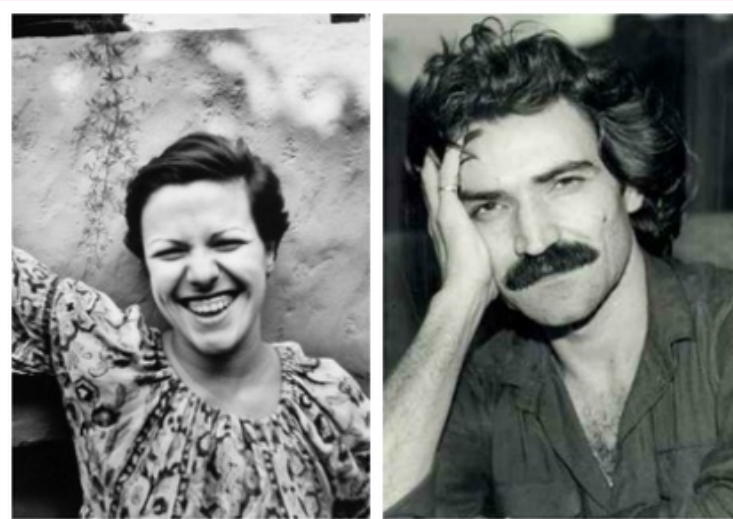
Raven, never, raven, never, never, never, never, never, raven

Assum preto, pássaro preto, black bird, me responde: Tudo já ficou atrás

Raven, never, never, never, never, never, never, never, raven

Black bird, assum preto, pássaro preto, me responde: O passado nunca mais"

O corvo do poema de Poe quando perguntado fala Nunca mais - nevermore, na música de Belchior o pássaro diz " O passado nunca mais", antes de repetir por três vezes o conselho ao amigo que ainda não percebeu "que precisamos todos rejuvenescer"





Música 03- Como Nossos Pais: Essa música também fez sucesso anteriormente cantada por Elis Regina. Inicialmente o eu-lírico dá alguns conselhos, ele se direciona ao grande amor para dizer que não quer falar de coisas líricas, nem de poemas, nem das canções, quer contar da vida real, das dificuldades da vida. A vida é mais importante que qualquer canto/canção/poema, como bem disse aquele rapaz latinoamericano da primeira música” Isso é somente uma canção/ A vida realmente é diferente/ Quer dizer/Ao vivo é muito pior“.

Ainda em tom de aconselhamento lembra da violência da ditadura militar “Por isso, cuidado, meu bem /há perigo na esquina/ eles venceram / e o sinal está fechado pra nós/ que somos jovem. Belchior volta a falar da juventude a qual faz parte, ele sente na ferida viva do coração que apesar do período ruim , vê vindo no vento o cheiro da nova estação. Nesse conselho a juventude, Belchior mais uma vez fala do jovem com cabelo ao vento que na faixa “Velha Roupa Colorida” saiu a rua em grupo reunido. Belchior critica a acomodação dessa “gente jovem reunida” que há algum tempo não sai mais à rua. Essa lembrança da juventude reunida “é o quadro que dói mais” “na parede da memória”

Após essa constatação,o refrão chega carregado de pesar, pois apesar de todos os esforços para “amar e mudar as coisas” foram em vão, e constata-se que “ continuamos vivendo como nossos pais”.

Apesar do desânimo em constatar que as mudanças sociais e culturais que a geração dos anos 60 e 70 tanto sonharam não aconteceram e que a ditadura militar veio para distanciar ainda mais esse sonho, o eu-lírico tenta convencer o interlocutor, dar esperança “que o novo sempre vem”. Mas em seguida cai novamente em lamúrias na estrofe seguinte, quando critica os ídolos, aqueles que inspiraram os ideais e moldaram a consciência da juventude, vivem em seus lares pomposos contando dinheiro, o vil metal. Para encerrar constata novamente no refrão que seguimos vivendo como nossos pais.

Música 04- Sujeito de Sorte: Sujeito de Sorte foi composta em 1973, época em que o cantor já tinha deixado o Ceará e morava no centro de São Paulo, onde experimentava o choque cultural e passava por muitos perrengues para tentar emplacar a carreira de músico, junto de outros músicos cearenses intitulados pela imprensa como o Pessoal do Ceará. Apesar de todos esses percalços, o compositor considera ser um sujeito de sorte, por se sentir “são e salvo e forte”, bem melhor do que muitos outros brasileiros que vivem em condições bem piores que a do cantor.

O compositor canta o esperar, uma tentativa de manter a esperança, não se entregar às tristezas, às amarguras do passado, afinal “Deus é brasileiro e anda do meu lado / e assim já não posso sofrer no ano passado”. Com o já não poder morrer no ano passado, ele está afirmando a sua disposição de seguir em frente e deixar para trás o que já havia sido superado, visto que só se pode transformar seu presente para que o futuro seja diferente.

Música 05- Como o Diabo Gosta: Essa canção é um enfrentamento direto à ditadura, à censura e à repressão dos anos de chumbo, uma verdadeira conclamação à desobediência civil, “é nunca fazer/ nada que o mestre mandar/ sempre desobedecer / nunca reverenciar.”

Os atos institucionais possibilitaram que os militares dessem um golpe de estado e instituíssem censura prévia a toda manifestação artística no país, acentuando os poderes de tirania do regime militar para um patrulhamento social que perseguiu militantes políticos, artistas e marginalizados. Já na sua primeira estrofe Belchior canta “Não quero regra nem nada” e associa a ditadura ao diabo, a maldade, “tudo tá como o diabo gosta, tá”, e expõe as práticas de censura ao cantar “não vou, eu mesmo / atar minha mão”, expondo o atar de mãos comum aos presos pelo regime e durante as sessões de tortura, como o pau-de-arara.

Para contrapor a perversidade do regime que governa ao agrado do diabo, Belchior, que como curiosidade estudou em colégio de padres, para tratar do tema recorrente do novo, evoca o livro bíblico de Efésios 4:22-24, texto em que Paulo afirma que para viver ensinamentos de Cristo os homens devem despir-se do velho homem e serem renovados no modo de pensar e revestir-se do novo homem, para Belchior vira, “o que transforma o velho no novo/ bendito fruto do povo será” bendito fruto, que por sua vez evoca ao evangelho de Lucas e a Ave Maria, “bendito fruto do vosso ventre, Jesus”. E encerra com:

“e a única forma que pode ser norma / é nenhuma regra ter / é nunca fazer / nada que o mestre mandar / sempre desobedecer / nunca reverenciar.”

Chegamos ao fim do lado A desse disco, o lado B será lançado em breve no site com divulgação nas nossas redes sociais. O disco e as análises que você leu aqui fazem parte do projeto “Na hora do almoço”, que propõe que uma vez ao mês se realize a audição semanal, seguido de comentários a respeito de um álbum marcante da música brasileira. As audições ocorrerão no hall de entrada da Biblioteca Central do Campus do Pici, no horário do almoço.

GABRIELLY CORREIA DEALÉM

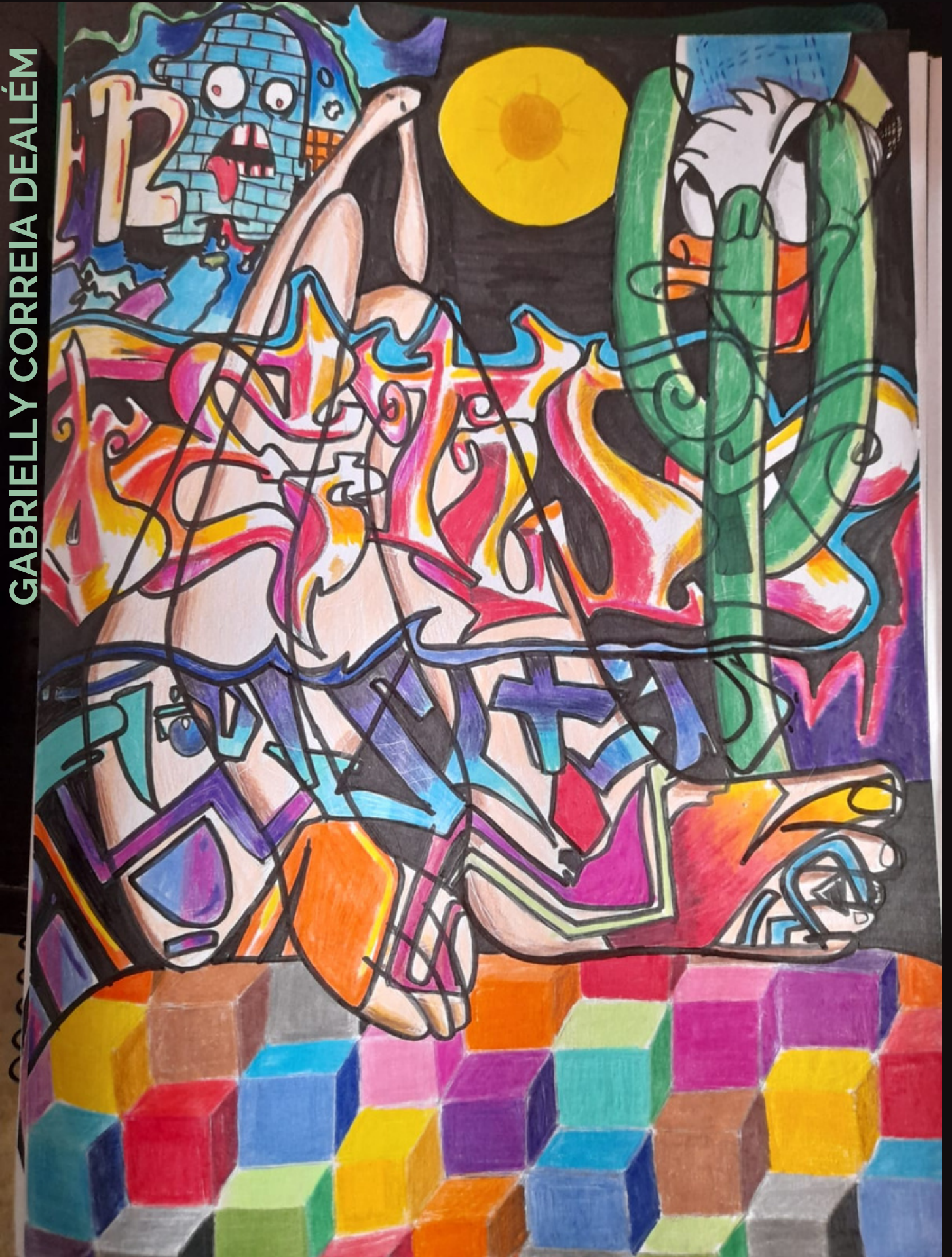


Gabrielly Correia DeAlém*
[@bagy_dealem]



Tem 19 anos e é graduanda em Ciências da Computação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Desenha desde os 7 anos. *"Eu sempre tive contato com a cultura geek como o kpop, anime e outras coisas. Então com esse contato e a inspiração de outros amigos que também desenhavam eu comecei nas artes."*

GABRIELLY CORREIA DEALÉM



MADE IN
BRAZIL

Por Wagner Nogueira*
[@the_wagner_nogueira]

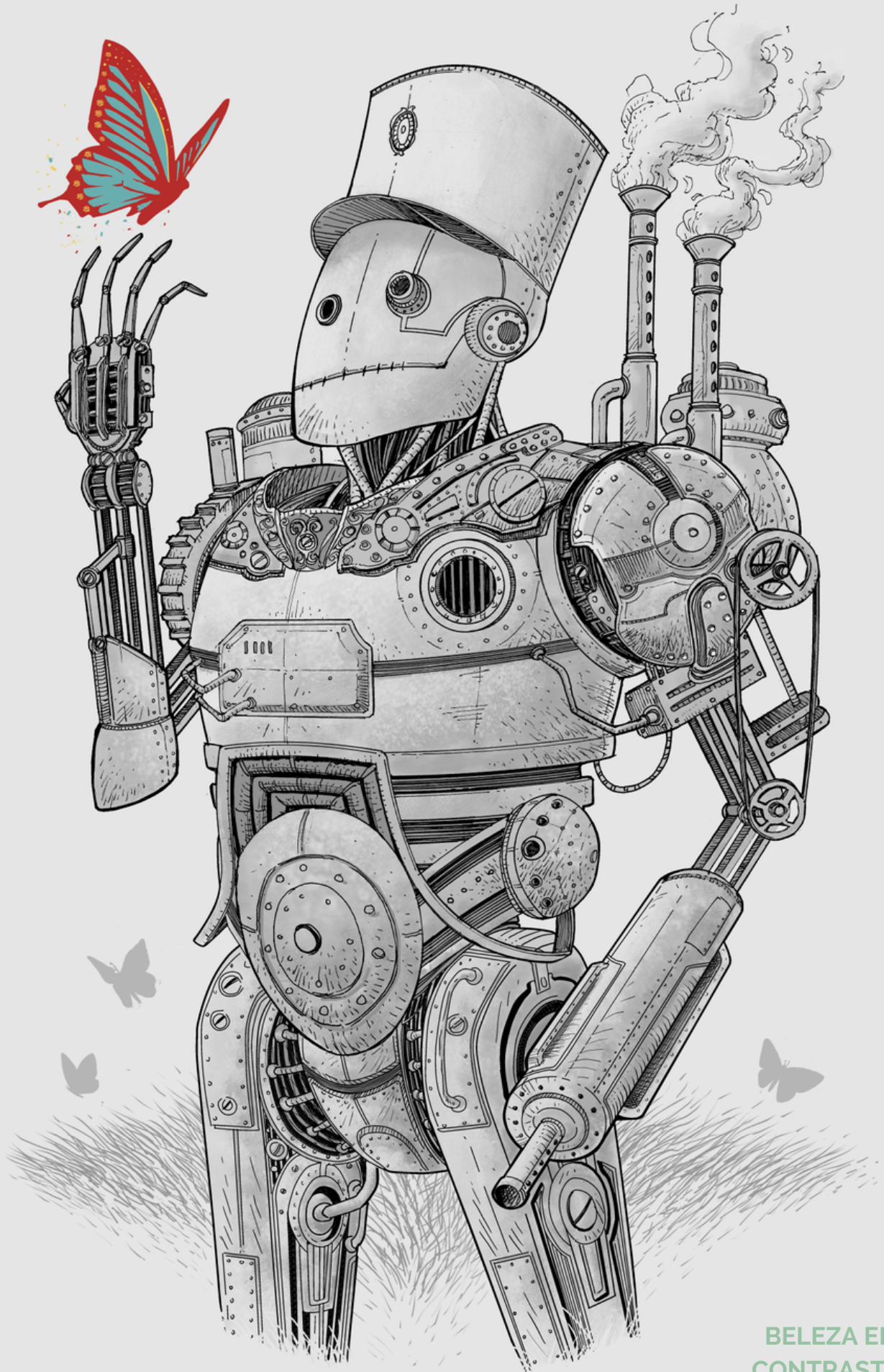


Roteirista, diretor, artista de storyboard e ilustrador com trajetória em diversas áreas artísticas – como teatro, quadrinhos, design e audiovisual. Presta assistência à administração e atua na realização dos Cursos Básicos da Casa Amarela Eusélio Oliveira (CAEO).



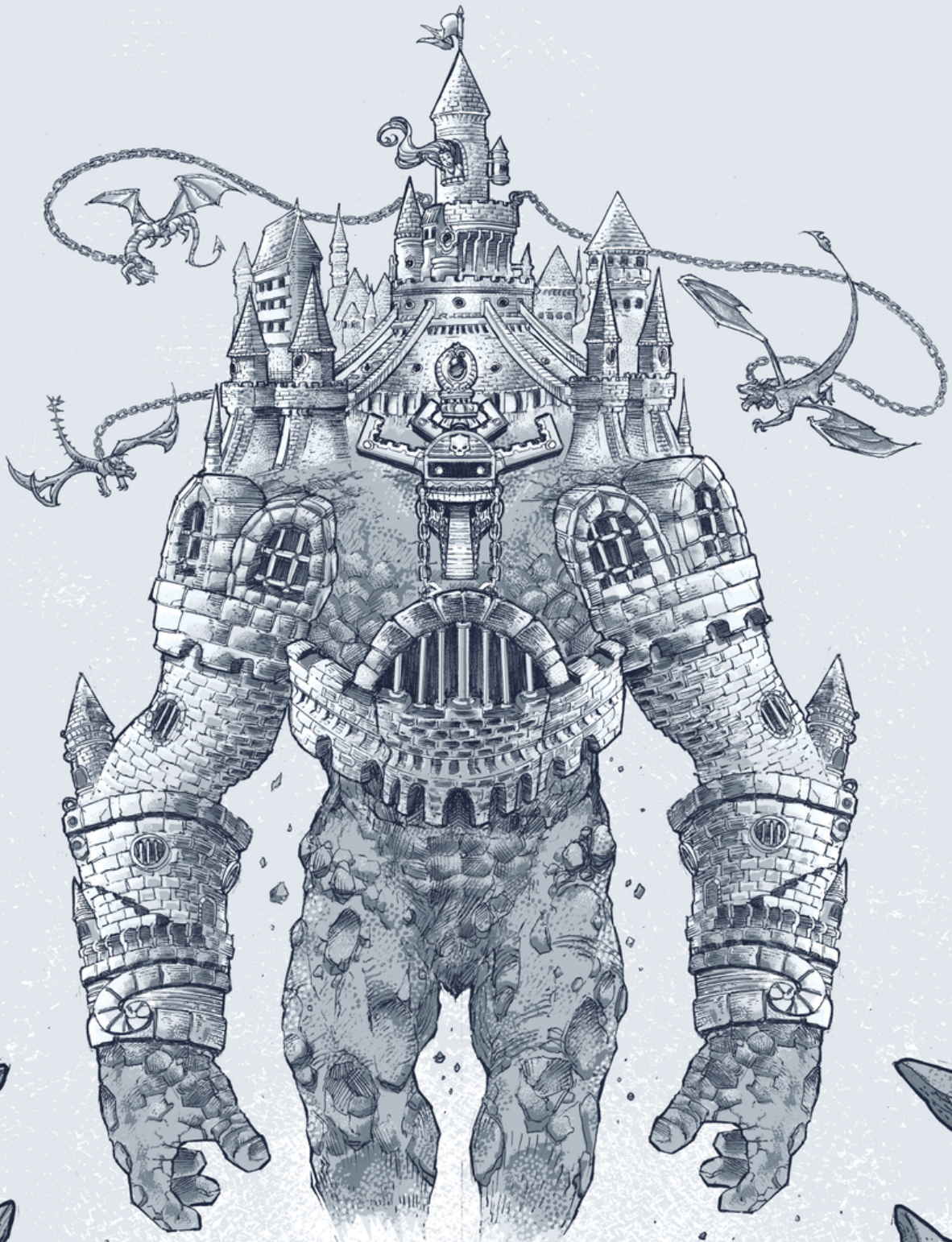
RELACIONAMENTOS
COMPLICADOS

WAGNER NOGUEIRA



BELEZA EM
CONTRASTE

WAGNER NOGUEIRA



HEROI, A PRINCESA ESTÁ
PRESA NO CASTELO!

WAGNER NOGUEIRA



BEM-VINDO AO
FUTURO

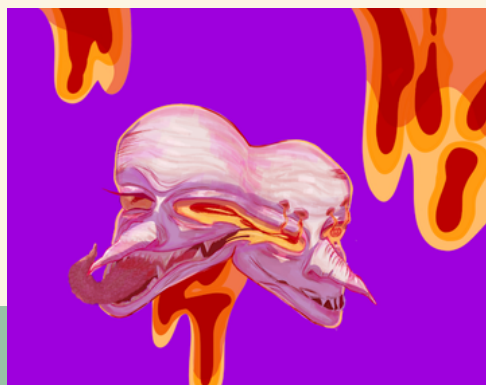
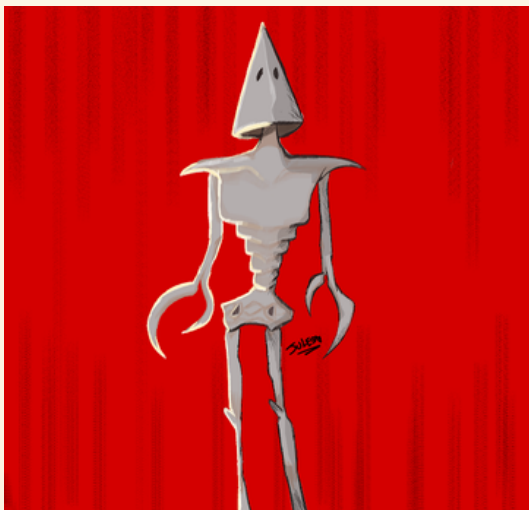
JULES



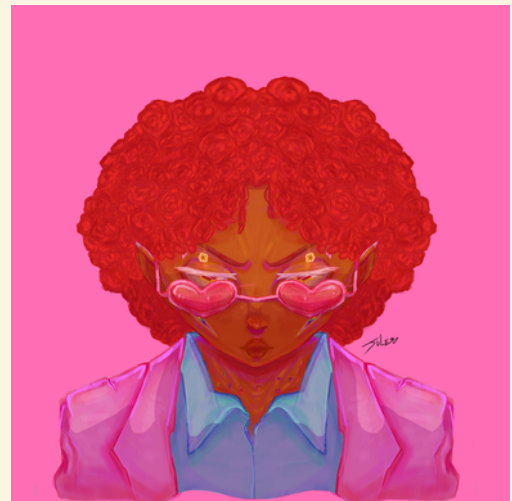
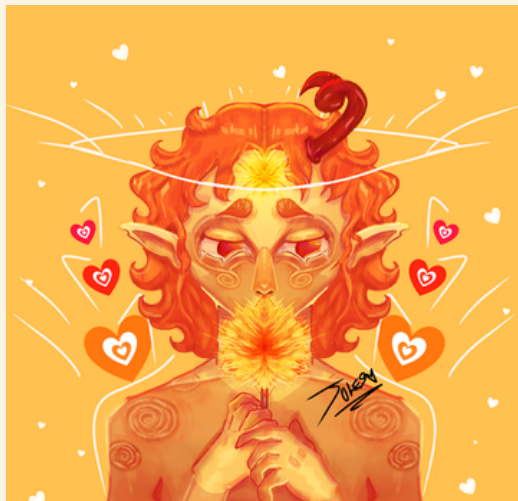
Por Jules*
 [@miojo_parabolico]



Me chamo Jules, tenho 18 anos e faço teatro na UFC. Uso o traço agressivo e as cores vibrantes para expressar todo o sentimento reprimido, acredito que nada representa mais esse sentimento do que o trabalho que faço com minhas mãos e uma tela.



JULES



VIC NASCIMENTO



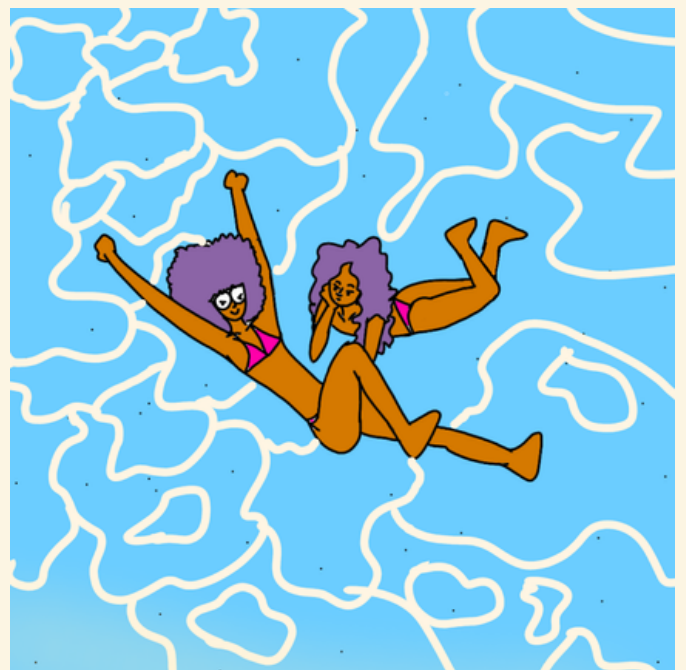
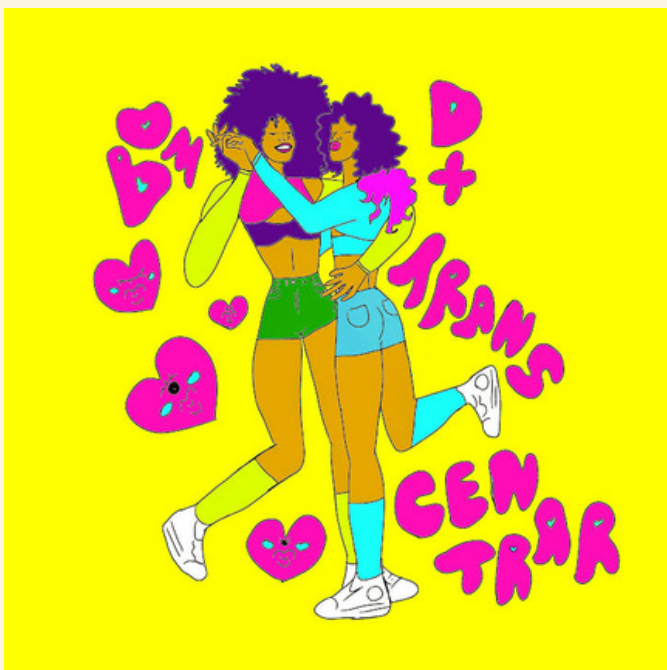
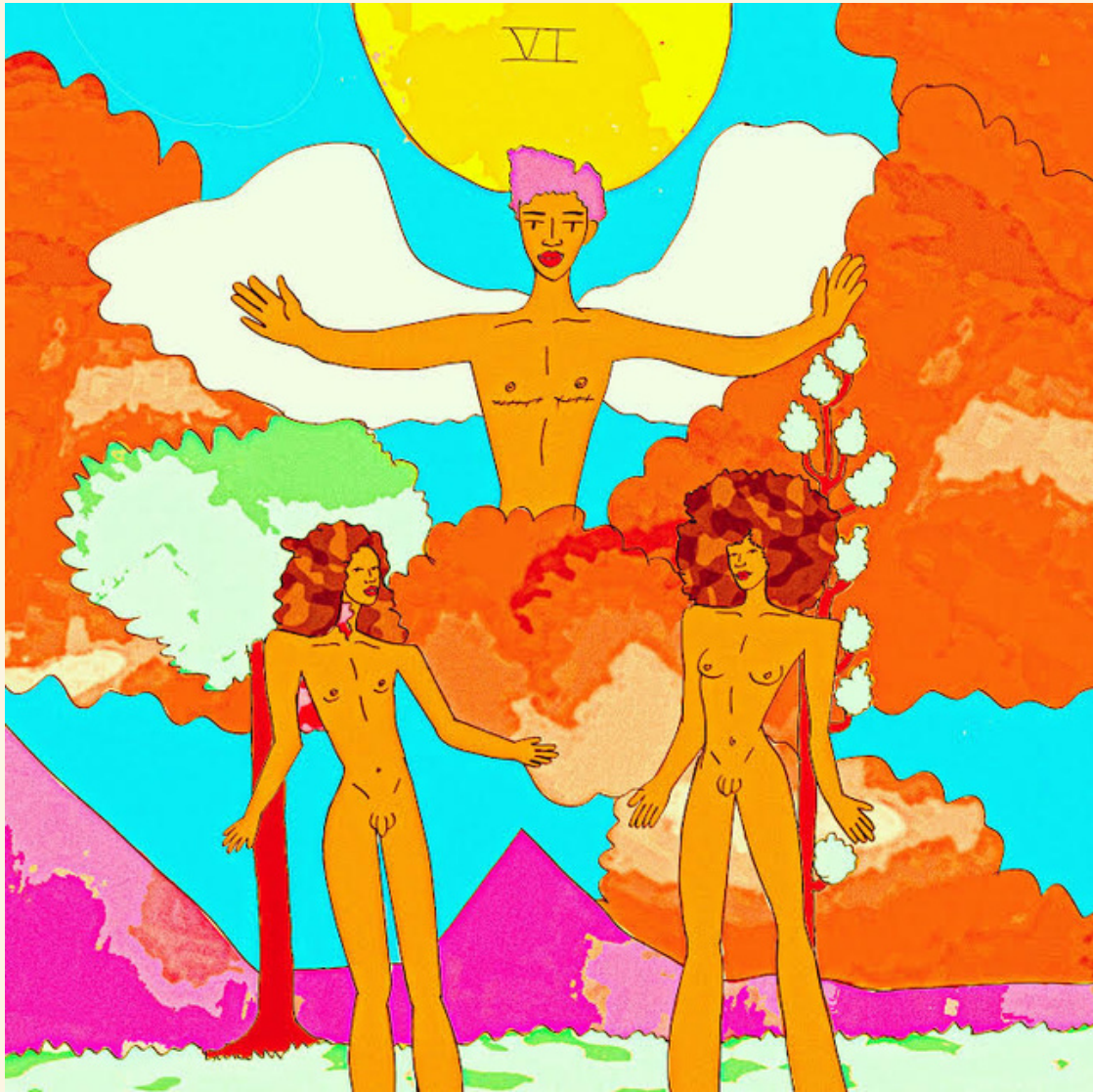
Por Vic Nascimento*
 [@bratzvic / @bratzvic.ilustra]



Clique para
 ver um
 pouco mais

Sou artista multilinguagem e arte educadora; por meio da criação de ilustrações digitais e animações, tenho investigado a representação do amor transcendo e afrocentrado em minhas obras visuais.

VIC NASCIMENTO



LUA SANTIAGO

“São muitos os meus defeitos, mas nenhum de compreensão, espero. Quanto a meu temperamento, não respondo por ele. É, segundo creio, um pouco ríspido demais... para a conveniência das pessoas. Não esqueço com facilidade tanto os disparates e vícios dos outros como as ofensas praticadas contra mim. Meus sentimentos não se manifestam por qualquer coisa. Meu temperamento poderia talvez ser classificado de vingativo. Minha opinião, uma vez perdida, fica perdida para sempre.”

Orgulho e Preconceito



Orgulho e Preconceito Jane Austen

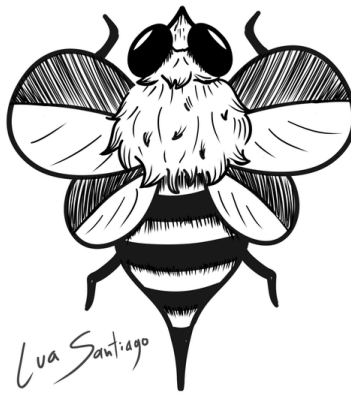
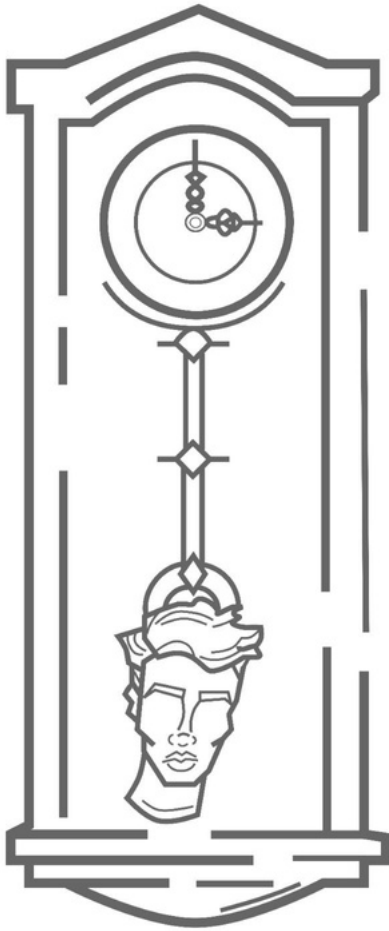


Por Lua Santiago*
[@lua_santiago_art]

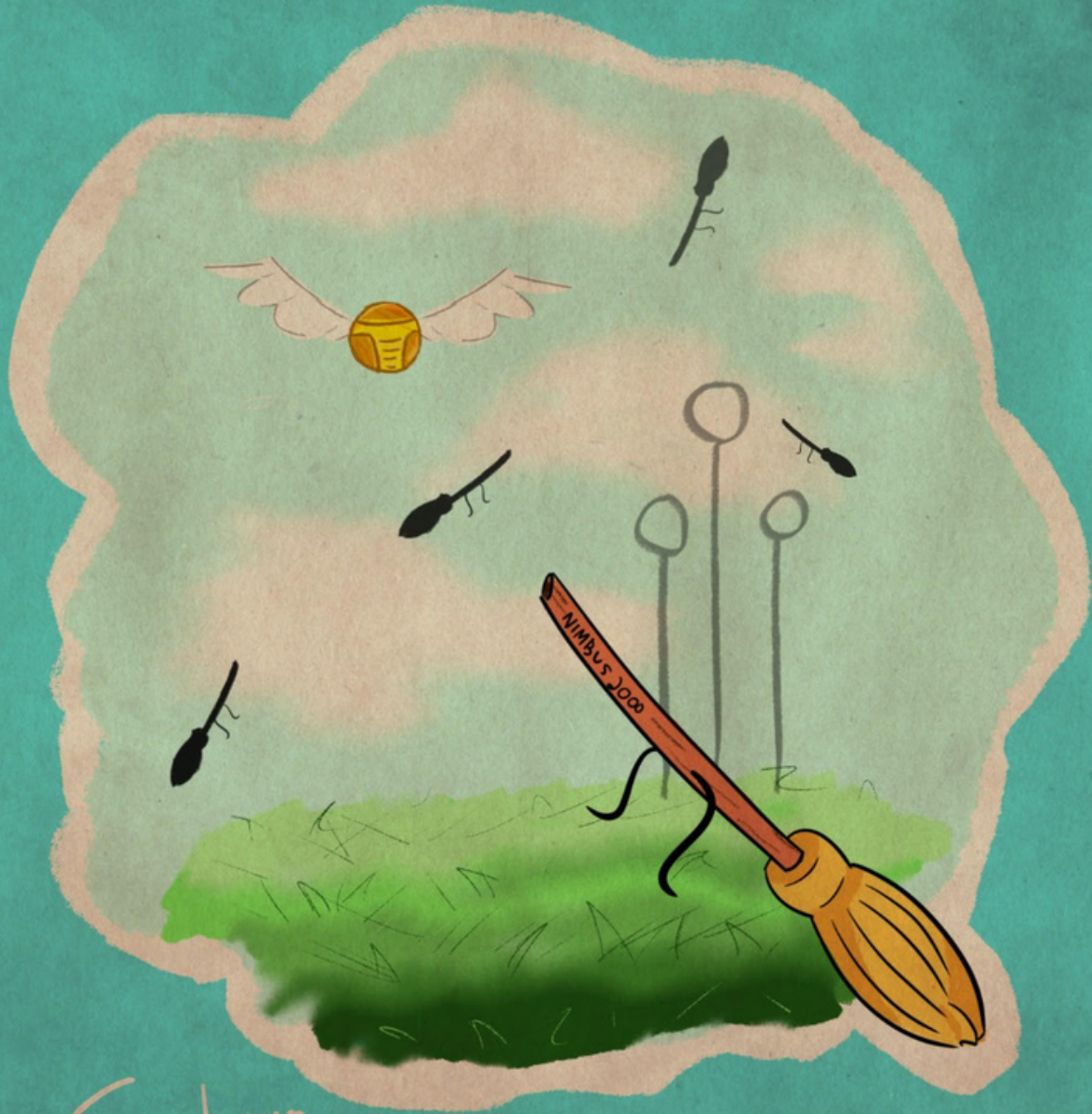


Olá, eu sou a Lua Santiago, tenho 19 anos e curso Teatro na UFC. Sou uma artista multifuncional, ou seja, faço um pouquinho de tudo, como: ilustrar, atuar, escrever (roteiros, livro, músicas e poesias) e no off estou iniciando como tatuadora. Nas horas vagas gosto de jogar, assistir desenhos animados e tomar um cafézinho puro (o que não pode faltar em momento nenhum). Entrei no mundo da ilustração de uma maneira profissional por ser apaixonada por desenhos cartoons e isso me motivou e inspirou a também entrar para esse universo. Então, aqui vocês puderam conhecer algumas das minhas obras e se quiserem continuar conhecendo um pouco mais do meu trabalho podem acompanhar a minha página do insta

LUA SANTIAGO



LUA SANTIAGO



Lua Santiago

LUA SANTIAGO



THE PROM Lua Santiago

O que está acontecendo?
 Não sou particularmente atlética, mas, quando o mundo para, resulta que eu me movo bem depressa.

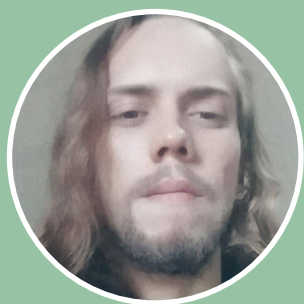
BALIE DE FORMADURA

Eu pensei que tivesse imaginado o pior cenário possível que Alyssa não iria aparecer. Até tinha me preparado pra isso, um pouquinho. Mas isso... Quem poderia ter imaginado algo assim?

Páginas 331 e 332



PAULO SENA

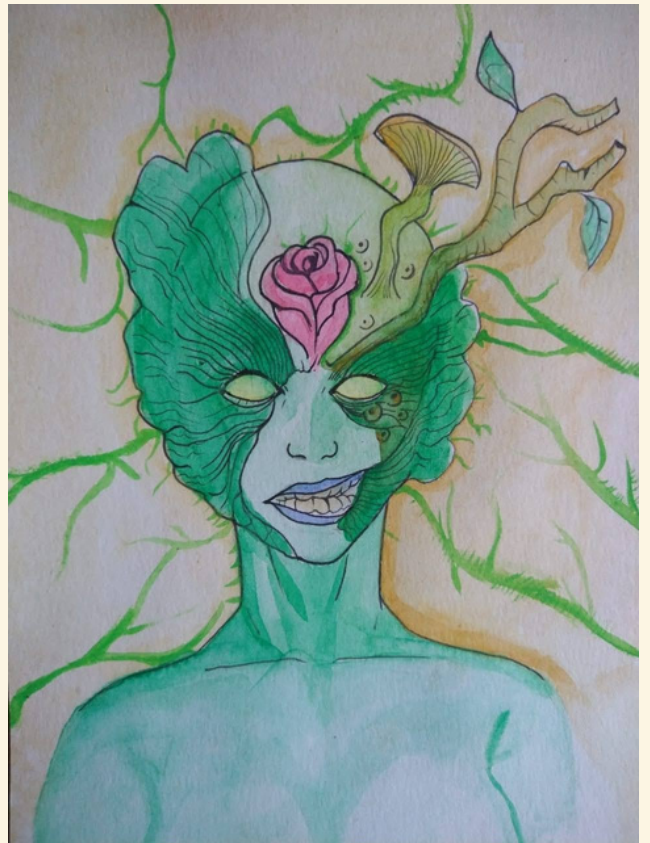


Por Paulo Sena*
[@abaddon.art]

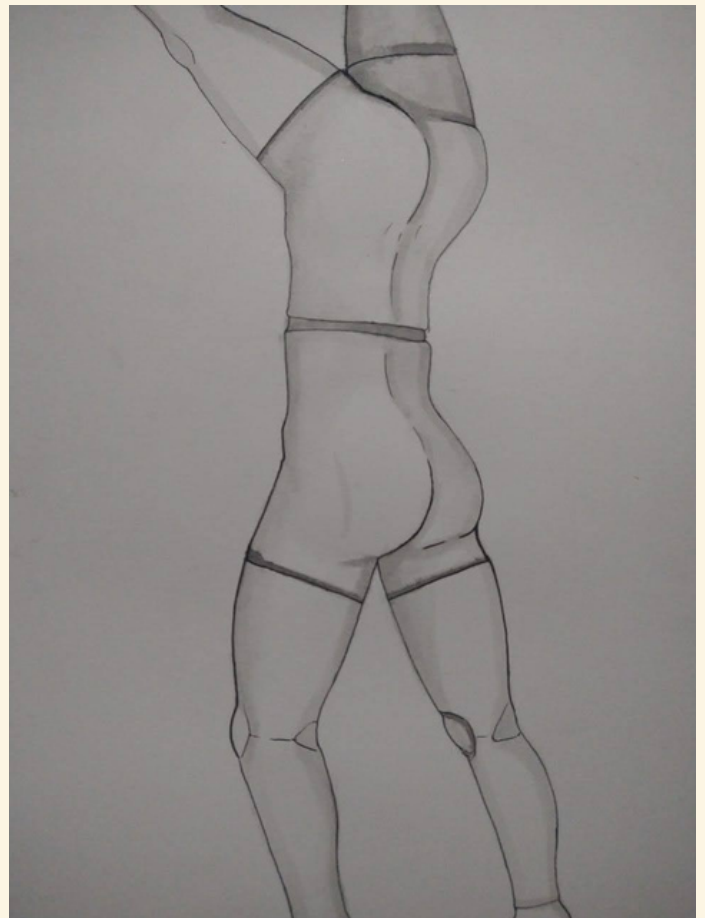


Sou um artista cearense que utiliza tintas à base de água. Flerto com um estilo mais sombrio e as vezes erótico.

PAULO SENA



PAULO SENA





LINCE

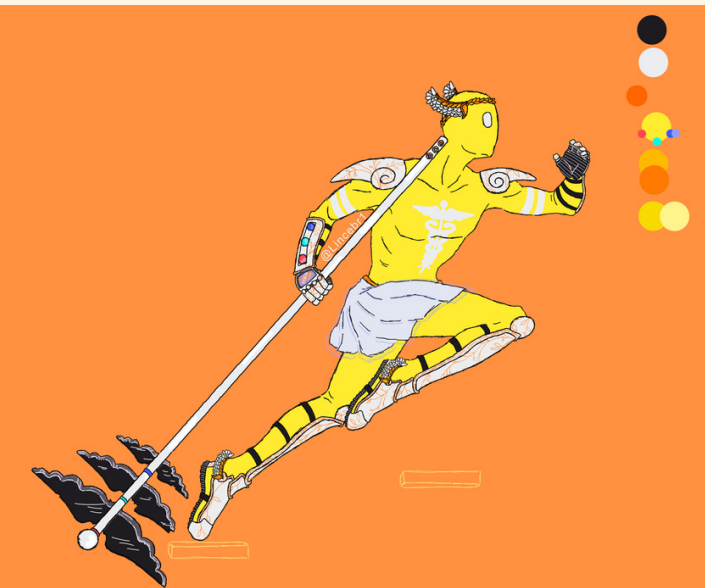
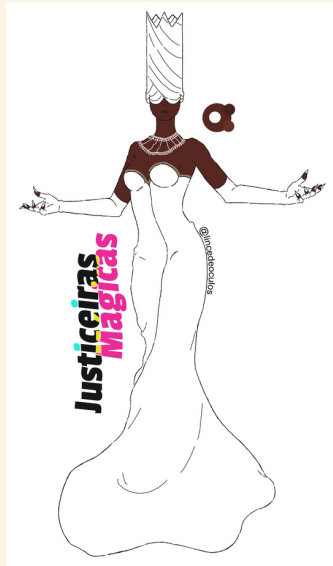
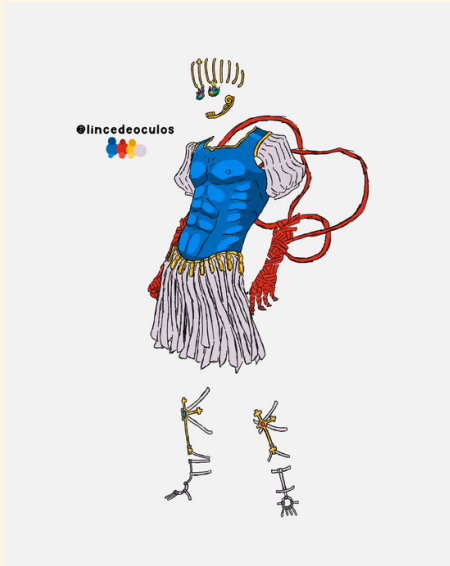


Por Lince*
[@lincedeoculos]



Opa, tudo bom? Me chamo Lince e sou um ilustrador, aspirante a cineasta e quadrinista que sempre sonhou em criar historinhas. Aqui você vê algumas das minhas obras visitando temas de super heróis, mahou shoujo e cartoon, a grande maioria sendo personagens originais meus. Espero que goste!!

LINCE

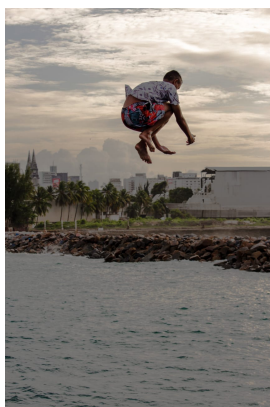
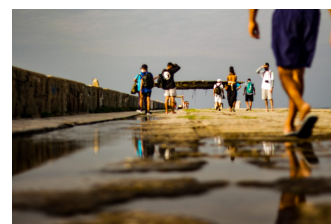
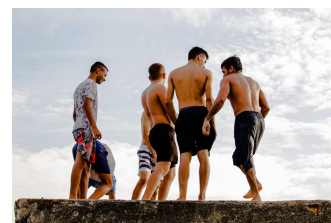


FORTALEZA PURA

Por William Coelho*



por William Coelho, [@_will.log], é graduando em Cinema pela UFC, fotógrafo e bolsista do Projeto de Extensão CineRefluxus.



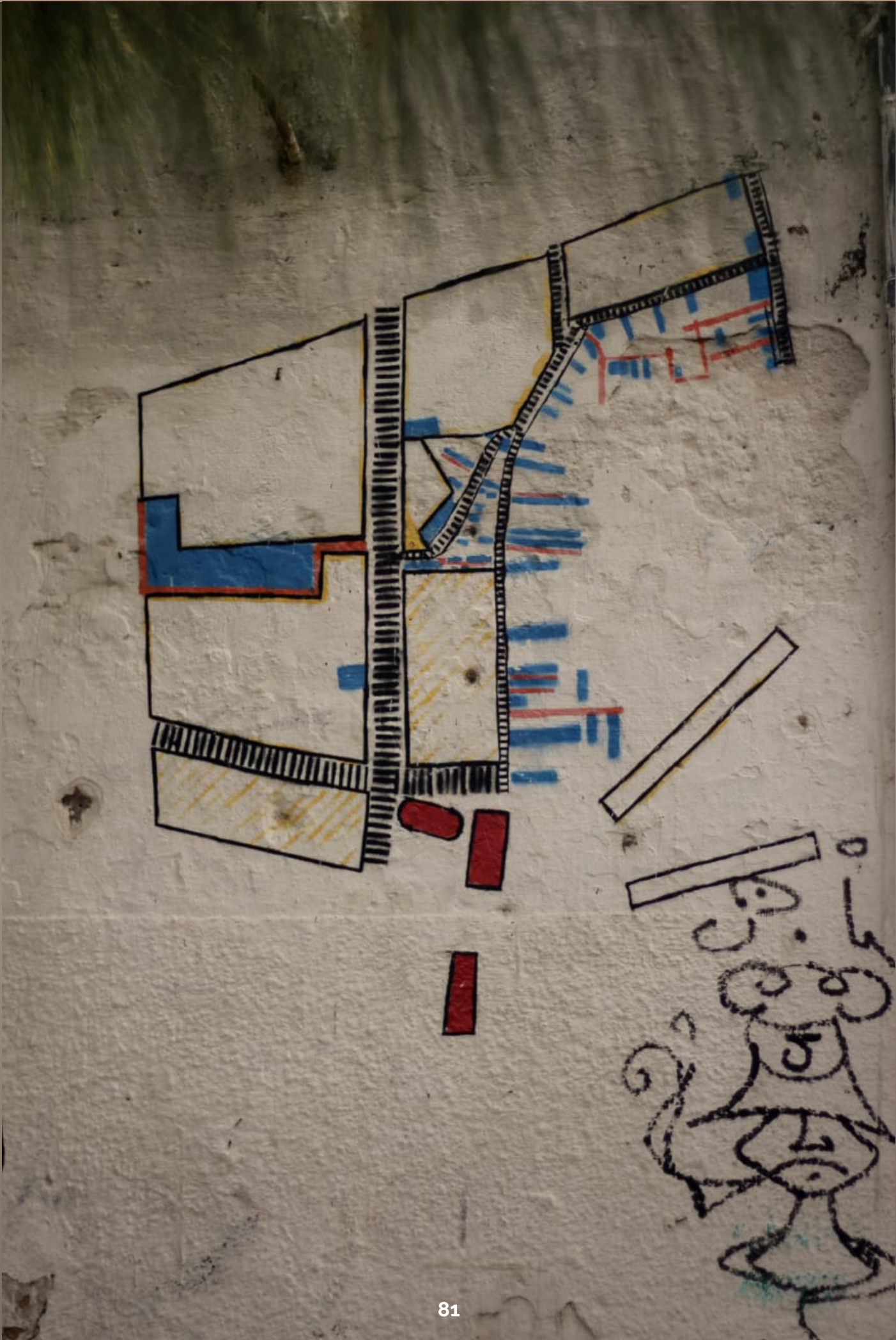




Elam











Biblioteca Em Cena

